



Carina Alexandra Martins Pina Fora

A influência da expressividade familiar, percecionada por adolescentes, no desenvolvimento de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas

Dissertação de Mestrado em Temas de Psicologia do Desenvolvimento, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Maria Teresa Sousa Machado

Maio 2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Carina Alexandra Martins Pina Fora

A influência da expressividade familiar, percecionada por adolescentes, no desenvolvimento de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas

Dissertação de Mestrado em Temáticas de Psicologia do Desenvolvimento, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Orientador: Professora Doutora Maria Teresa Sousa Machado

Coimbra

Mai 2017

Título: A influência da expressividade familiar, percebida por adolescentes, no desenvolvimento de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas

Autor: Carina Alexandra Martins Pina Fora

Orientador: Professora Doutora Maria Teresa Sousa Machado

Instituição: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Agradecimentos

Em primeiro lugar aos meus pais que são a minha força e a minha inspiração. Obrigada pelo carinho, pelos valores, pelo amor incondicional, pelo apoio, pela paciência, pela força e por tudo o resto que não se define em palavras, mas que sempre me transmitiram, em cada etapa da minha vida;

Ao meu irmão, que é o homem da minha vida, pela sua coragem, ambição e determinação;

Aos meus avós, pelo aconchego, pela ternura, pelo amparo, pela meiguice dos seus atos e pela sabedoria dos seus conselhos;

À Marta, pelo seu coração doce, pelo seu espírito aventureiro e pela pura amizade;

À Telma, pela sua insistência, teimosia, racionalidade e dedicação. Que me coloca no lugar certo quando tento afastar-me dele;

A todos os meus amigos, que me deram força para continuar, que partilharam comigo os momentos mais difíceis e os mais alegres;

À vida, um agradecimento muito especial à vida, que me tem feito crescer da forma mais bonita. Que tem colocado pessoas maravilhosas no meu caminho, que me enchem o coração, e outras menos boas, a quem agradeço pela sabedoria e a quem desejo muito amor para poderem ultrapassar a escuridão onde se encontram.

Aos alunos, encarregados de educação e direções escolares que se disponibilizaram a participar neste estudo e que sem eles o mesmo não seria possível.

E por fim, à Professora Doutora Maria Teresa de Sousa Machado, orientadora desta tese de mestrado, que com a sua sabedoria e conhecimento me acompanhou e orientou, dentro das suas possibilidades, ao longo de todo o processo.

Um muito OBRIGADA a todos!

Influência da expressividade familiar, percebida por adolescentes, no desenvolvimento de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas

Resumo

A família proporciona à criança uma multiplicidade de experiências relacionais que influenciam a aprendizagem desta face à experiência, significado, expressão e regulação das emoções (Eisenberg et al., 2001). A qualidade destas relações molda o comportamento interpessoal da criança e o modo como gere as emoções, podendo constituir-se como fator potenciador ou de vulnerabilidade no desenvolvimento (Collins, Maccoby, Steinberg, Heatherington & Branstein, 2000).

A presente investigação tem por base uma amostra de 165 jovens, com idades entre os 13 e os 16 anos, e pretende avaliar a relação entre a percepção dos adolescentes face à expressividade emocional da família (positiva ou negativa) e o desenvolvimento de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas.

Procedeu-se à adaptação, para língua portuguesa, do *Self Expressiveness in the Family Questionnaire (SEFQ)* (Halberstadt, 1995), versão simplificada, sendo este uma variação do *Family Expressiveness Questionnaire (QEF; Questionário de Expressividade Familiar)* (Halberstadt, 1986), traduzido e adaptado pelo Professor Catedrático José Pinto Gouveia e a sua equipa de investigação (Dinis, Gouveia, & Xavier, 2011). O instrumento apresentou uma boa consistência interna para fins de investigação.

No presente estudo, conclui-se que existe uma relação significativa entre a percepção dos jovens face à expressividade familiar negativa e o desenvolvimento de sintomas emocionais, para ambos os sexos, independentemente da idade.

No que respeita aos problemas de relacionamento com os colegas, verificou-se que os jovens revelam menos problemas de relacionamento com os colegas quando percebem o seu ambiente familiar como sendo emocionalmente positivo.

A variável idade não mostrou influências significativas nos resultados obtidos.

Palavras-chave: Expressividade Familiar, Sintomas Emocionais, Problemas de Relacionamento com os Colegas, Desenvolvimento, Adolescência

Influence of family expressiveness, perceived by adolescents in the development of emotional symptoms and relationship problems with colleagues

Abstract

The family of a child provides a various of relational experiences, that influence how the child experiences, gives significance, expresses and regulates his emotions (Eisenberg et al., 2001). The quality of these relationships shapes the interactive behavior of the child and also how the child manages his emotions. It can be a enhancing or vulnerable factor in the development of the child (Collins, Maccoby, Steinberg, Heatheringtar & Branstein, 2000).

This investigation consists of 165 young people, with the ages between 13 and 16 years. It intends to evaluate the relationship between the perception of the emotional expressivity towards their family (positive or negative) of these young adults, the development of emotional symptoms and problematic relationships with their friends. The adapted to Portuguese, reduced version of the Self Expressiveness in the Family Questionnaire _SEFQ has been used for this investigation. It is an adaptation of the Expressividade Familiar Questionnaire (QEF; Halberstadt, 1986; translation and adaptation of Dinis, Gouveia, & Xavier, 2010). This questionnaire has a high validity for investigation purposes. This investigation has proved that there is a significant relationship between the perception of these young adults to the negative expressivity towards their family and their development of emotional symptoms, for both male and female, no matter the age. Regarding the problems with their friend, it can be concluded that these young adults reveal less relational problems with their colleagues when experiencing an emotional positive family environment. The age variable showed no significant influence on the obtained results.

Keywords: Family expressiveness; Emotional Symptoms; Problems of Relationship with Peers; Development; Adolescence

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição da amostra por género	27
Tabela 2 - Distribuição da amostra segundo a idade	27
Tabela 3 - Distribuição da amostra de acordo com o Agregado Familiar	27
Tabela 4 - Distribuição da amostra de acordo com as habilitações académicas dos pais	28
Tabela 5 - Descrição da amostra nas variáveis em estudo, em função do sexo	34
Tabela 6 - Descrição da amostra nas variáveis em estudo, em função da idade	35
Tabela 7 - Total de variância explicada (dois fatores)	36
Tabela 8 - Distribuição dos itens da escala pelas duas componentes	38
Tabela 9 - Estrutura Fatorial do Modelo	39
Tabela 10 - Consistência Interna do SEFQ	40
Tabela 11 - SEFQ (Versão Portuguesa): <i>Alpha de Cronbach</i> , correlação item-total e item se o <i>alpha</i> for retirado por subescala	41
Tabela 12 - Correlações entre as subescalas do SEFQ e as subescalas do SDQ	42
Tabela 13 - Correlações entre as subescalas do SEFQ e as subescalas do SDQ em função do género	44

Lista de Abreviaturas

SEFQ – Expressiveness in the Family Questionnaire

SDQ – Strengths and Difficulties Questionnaire

QEF – Family Expressiveness Questionnaire

SPSS – Statistical Package for Social Science

KMO – Kaiser-Mayer-Olkin

M – Média

DP – Desvio Padrão

Índice

Introdução	10
I - Enquadramento Teórico	11
1. Família e Socialização das Emoções	12
1.1. A Influência do Contexto Familiar no Processo de Regulação das Emoções	13
2. Expressividade Familiar e Problemas de Comportamento na Adolescência.....	19
2.1. Expressividade Familiar	19
2.2. Sintomas Emocionais e Problemas de Comportamento.....	20
II - Posição do Problema	24
1. Objectivos	24
III – Metodologia	27
1. Caracterização da amostra	28
2. Instrumentos utilizados	29
2.1. Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) (Goodman, 1997)	29
2.2. <i>Self-Expressiveness in the Family Questionnaire</i> (SEFQ).....	31
3. Procedimentos.....	33
IV – Análise de Resultados	34
1. Estatísticas descritivas da amostra nas variáveis em estudo.....	34
2. Avaliação das qualidades psicométricas da versão portuguesa do <i>Self-Expressiveness in the Family Questionnaire</i> (SEFQ) - Questionário de Auto-Expressividade Familiar (QAEF)	36
V – Discussão dos Resultados	46
1. Avaliação das qualidades psicométricas do <i>Self-Expressiveness in the Family Questionnaire</i>	46
2. Relação entre a percepção da Expressividade Familiar e o desenvolvimento de Sintomas Emocionais.....	47
3. Relação entre a percepção da Expressividade Familiar e o desenvolvimento de Problemas de Relacionamento com os Colegas	49

Conclusão	50
Bibliografia.....	52
Anexos.....	69
I. Declaração de autorização aos pais para aplicação dos questionários.....	70
II. Declaração de consentimento passada aos Agrupamentos de Escolas.....	72
III. SDQ - <i>Strengths and Difficulties Questionnaire</i> . Subescalas utilizadas: Sintomas Emocionais e Problemas de Relacionamento com os colegas.....	74
IV. Versão portuguesa do <i>Self-Expressiveness in the Family Questionnaire</i> (SEFQ) - Versão Reduzida.....	76

Introdução

Nos últimos tempos, vários autores desenvolvem as suas investigações no sentido de perceber a influência do contexto familiar no desenvolvimento de competências emocionais adaptativas, na criança (Cummings, Koss & Davies, 2015; Duncombe et al. 2012; Gao & Han, 2016; Ramsden & Hubbard, 2002; Shapero & Steinberg, 2013;).

A socialização das emoções, realizada na família, é o meio primário através do qual a criança desenvolve as suas competências emocionais, aprendendo a experienciar, expressar e modular as emoções, através da observação dos comportamentos dos pais/cuidadores e das interações que estabelecem com os restantes membros da família (Eisenberg et al., 2001). Estas interações influenciam o modo como a criança expressa as suas emoções e como interpreta a expressão emocional dos outros (Halberstadt, & Eaton, 2002).

A expressividade familiar é um dos mecanismos de socialização das emoções que se caracteriza como um "estilo dominante de exibição verbal e não-verbal das manifestações emocionais da família" e tem vindo a ser reconhecida com a chave para o desenvolvimento de estratégias de regulação emocional adaptativas (Eisenberg, Cumberland & Spinrad, 1998; Halberstadt, Crisp & Eaton, 1999; Morris et al., 2007; Thompson & Meyer, 2007). A expressão de emoções positivas e negativas caracteriza o ambiente emocional da família que atua sobre modo como a criança reage emocionalmente, intervindo na qualidade e no sentido de segurança das suas relações (Halberstadt & Eaton, 2002).

Famílias onde as emoções positivas são, frequentemente, expressadas e recíprocas apresentam níveis mais elevados de segurança na relação pais-filhos, desenvolvendo nas crianças uma regulação emocional bem-sucedida. Contrariamente, crianças provenientes de famílias com índices elevados de expressão negativa são menos propensas a adquirir reações apropriadas perante os outros e perante as situações (Cummings, Koss & Davies, 2015; Dix, 1991).

O ambiente emocional da família molda a forma como a criança regula as suas emoções, uma vez que é o contexto no qual a criança aprende os modelos de expressão emocional que indicam como, quando e com que intensidade devem ser expressas as emoções. Suveg e Zeman (2004), bem como Yap e colaboradores (2008), defendem que dificuldades na regulação das emoções apresentam relações significativas com o

desenvolvimento de sintomas emocionais de internalização e externalização. As particularidades intrínsecas ao ambiente emocional da família poderão influenciar o desenvolvimento de problemas psicológicos na adolescência, nomeadamente ansiedade, depressão, problemas de conduta e problemas de relacionamento com os colegas (Cumming & Davies, 2010; Cummings, Koss & Davies, 2015).

A adolescência é uma fase do desenvolvimento onde se observa uma busca pela identidade, pelo conhecimento do eu, com vista à autonomia, verificando-se mudanças efetivas na relação entre pais e filhos. A qualidade das relações familiares tem vindo a ser estudada como variável reguladora no desenvolvimento de problemas de comportamento que, muitas vezes, estão relacionados com a gestão emocional e com o modo como interagimos com os outros (Machado, Fonseca & Queiroz, 2008).

A expressividade emocional da família revela a qualidade do ambiente familiar (Halberstadt & Eaton, 2002) que, por sua vez, é um fator significativo para o bem-estar, a perceção positiva de si próprio e para o desenvolvimento de relações seguras com os outros (Machado & Fonseca, 2011).

I - Enquadramento Teórico

1. Família e Socialização das Emoções

Nos últimos anos, os investigadores têm dado especial atenção ao desenvolvimento emocional, tentando perceber qual a relação entre as competências emocionais e o desenvolvimento de comportamentos adaptativos. Estudos defendem a existência de uma relação significativa entre estes dois conceitos, mostrando que crianças com dificuldades em identificar, compreender e regular as emoções são mais suscetíveis a desenvolver problemas de comportamento durante a adolescência e na vida adulta (Duncombe, Havighurst, Holland, & Frankling, 2012; Eisenberg et al., 2005; Gilliom, Shaw, Beck, Schonberg, & Lukon, 2002; Saarni, 1999).

As competências emocionais, nomeadamente, expressividade emocional, regulação emocional e conhecimento emocional, facilitam a criança no desenvolvimento de comportamentos de autorregulação, prossociais e de relacionamento com os outros, especificamente com o grupo de pares (Cole, Martin, & Dennis, 2004; Parke, 1994). É através de uma gestão adequada destas competências que

a criança responde de forma socialmente apropriada, adaptada e flexível perante situações e experiências emocionais adversas (Denham, Caverly & Schmidt, 2002; Eisenberg & Morris, 2002; Halberstadt, Denham, & Dunsmore, 2001; Saarni C, 1999). Por expressividade emocional entende-se o modo como a criança experimenta os sentimentos e a forma como expressa as suas emoções, a regulação emocional refere-se à capacidade que a criança apresenta de controlar e modular a expressão das suas emoções, o conhecimento emocional pressupõe um entendimento/compreensão das próprias emoções e das emoções dos outros, associado à capacidade de comunicar acerca do afeto (Cicchetti, Ackerman & Izard, 1995; Denham, 1998; Eisenberg & Moore, 1997; Gottman, Katz & Hooven, 1996; Izard, 2002; Kidwell, Young, Hinkle, Ratliff, & Marcum, 2010, Saarni, 1999). Importa perceber de que forma é que se desenvolvem estas competências e quais os fatores que influenciam este desenvolvimento.

Correntes funcionalistas, baseadas no estudo das emoções, defendem que o desenvolvimento emocional se dá no seio das relações que estabelecemos com os outros (Campos, Campos & Barret, 1989; Campos, Frankel & Camras, 2004). O ambiente onde a criança cresce e realiza as suas experiências exerce uma influência determinante no desenvolvimento, especificamente no desenvolvimento emocional. Este ambiente não é único e envolve vários contextos que diferem entre si e são cruciais: a família, a escola, a vizinhança, os colegas e a própria cultura. Não descurando a importância destas influências contextuais, as investigações na área do desenvolvimento emocional têm vindo a centrar-se, essencialmente, em perceber qual o papel da família, especificamente dos pais/cuidadores, na aquisição destas competências (Bariola, Gullone & Hughes, 2011; Cole, Martim, Dennis, 2004; Duncombe, Havighurst, Holland, & Frankling, 2012)

O modo como os pais comunicam acerca das emoções e como ensinam os seus filhos a geri-las apresenta implicações significativas no desenvolvimento de comportamentos adaptativos nas crianças que se refletem, posteriormente, na adolescência e idade adulta (Duncombe, et al., 2012). A este processo de transmissão de informações e conhecimentos sobre o entendimento, a experiência, a expressão e a regulação emocional dá-se o nome de socialização das emoções. A socialização das emoções diz respeito não só ao modo como os pais expressam as emoções, como

também à forma como respondem às manifestações emocionais dos seus filhos (Dunsmore & Halberstadt, 1997; Wong, McElwain & Halberstadt, 2009). Subjacente a estas estratégias, utilizadas pelos cuidadores, estão as próprias crenças e valores destes acerca das emoções, nomeadamente crenças sobre a importância de prestar atenção às emoções, valores sobre as consequências de expressar emoções e autoconsciência emocional (Parker et al. 2012). O modo como os pais encaram as emoções é fundamental na transmissão intergeracional das competências emocionais. A crença dos pais sobre as emoções traduz-se em práticas de socialização emocional singulares, que influenciam a autorregulação emocional da criança (Baker, Fenning, & Crnic, 2011; Wong, Diener, & Isabella, 2008; Wong, McElwain, & Halberstadt, 2009).

Considera-se que a família é o contexto primário onde ocorre a socialização das emoções, surgindo como célula base no processo de regulação emocional, uma vez que os pais atuam como modelos no que diz respeito à regulação e expressão emocional (Denham et al., 2002). Algumas investigações identificam determinados comportamentos, estratégias e contextos familiares que são suscetíveis de prever padrões de desenvolvimento emocionais disfuncionais ou, pelo contrário, adaptativos, nas crianças (Eisenberg et al., 1999; Eisenberg, Fabes & Murphy, 1996). Verifica-se a necessidade de perceber de que forma é que os comportamentos, crenças e reações dos pais às emoções promovem ambientes que sustentam o desenvolvimento emocional das crianças.

1.1. A influência do contexto familiar no processo de regulação das emoções

Ao longo do desenvolvimento, é esperado que a criança evolua de um estado onde apresenta uma dependência emocional, quase, completa do cuidador, para uma situação de independência emocional que devia permitir regular, de forma autónoma, os seus pensamentos e as suas ações perante determinado estímulo. Contudo, este processo não é linear e é variável, uma vez que depende do estilo e da eficácia de um conjunto de fatores que se encontram envolvidos no decurso destas aquisições (Calkins & Hill, 2007). O modo como a criança regula as emoções é uma competência fundamental neste processo de maturação e autonomização, permitindo que desenvolva comportamentos mais ou menos ajustados perante determinados contextos.

Consequências clínicas e comportamentais, associadas às diferentes estratégias de regular as emoções, têm despertado o interesse dos investigadores em tentar perceber os fatores adjacentes ao desenvolvimento de competências de regulação emocional nas crianças, particularmente os que se encontram relacionados com o contexto familiar (Bariola, Gullone & Hughes, 2011)

A regulação emocional compreende a monitorização, manutenção e modulação das respostas emocionais tendo em conta fatores intrínsecos, nomeadamente fatores neurológicos, genéticos e temperamentais e extrínsecos, nomeadamente a cultura e as crenças parentais face às manifestações emocionais (Thompson, 1994). As crianças tendem a imitar e interiorizar os processos de regulação emocional dos pais através da modelação do comportamento e da referenciação social (Bridges, Fuller, Rumberger & Tran, 2004; Denham, 1998; Morris, Steinberg, Myers & Robinson, 2007; Thompson, 1994), sendo as estratégias de regulação emocional dos pais transmitidas às crianças através da frequência e do modo como estes expressam as suas próprias emoções (Morris et al., 2007). O facto de o contexto familiar permitir a exposição das crianças a uma variedade de emoções e possibilitar que observem respostas verbais e comportamentais dos pais aos estímulos emocionais, influencia o modo como as crianças se manifestam emocionalmente quando confrontadas com as suas próprias situações emocionais. Isto leva a que a criança, em determinadas situações, possa adotar estratégias de regulação e resposta emocional semelhantes aquelas que observa no contexto familiar (Morris et al., 2007).

Darling e Steinberg (1993) referem que o modo como são exibidas as emoções na família intervém na afetividade das relações estabelecidas entre os cuidadores e as crianças. Greenberg e colaboradores (1999) argumentaram que num ambiente familiar onde exista maior comunicação e expressão das emoções, a criança torna-se mais sociável e emocionalmente adaptada, uma vez que este ambiente proporciona o contexto oportuno para aprender a regular e observar as práticas de regulação emocional. O conhecimento e compreensão efetiva dos pais/cuidadores face às emoções dos outros, particularmente às da criança, bem como o entendimento e reconhecimento e a capacidade para regular as suas próprias emoções são competências parentais fundamentais no processo de socialização das emoções, uma vez que determinam o modo como estes reagem às manifestações emocionais das crianças e as guiam no

sentido do reconhecimento, gestão e adequação da resposta emocional perante determinados estímulos (Bariola et al., 2011). Pais que manifestem sintomatologia ansiosa e/ou depressiva e elevados índices de stress poderão condicionar a forma como expressam as suas emoções, manifestando tendências para a expressão de emoções negativas (Mennin, & Farach, 2007). Dificuldades na forma como os pais regulam as próprias emoções pode contribuir para uma inapropriada expressão ou experiência emocional que, por sua vez, pode resultar num desenvolvimento emocional fragilizado das crianças e em déficits na relação pais-filhos (Dix, 1991). Respostas inapropriadas perante as manifestações emocionais dos filhos, e dificuldades na adoção de uma postura positiva perante os conflitos familiares, poderão ser sinais de que existem défices nas competências de regulação emocional dos pais. Estes tipos de manifestações emocionais têm sido associados à fraca competência social e emocional das crianças (Carson & Parke, 1996; Denham, Copeland, Strandberg, Auerbach & Blair, 1997).

Num estudo levado a cabo por Denham e colaboradores (1997), foi possível perceber que crianças de quatro anos de idade, consideradas emocionalmente competentes, provinham de famílias onde a expressão das emoções era valorizada e onde os pais ensinavam os seus filhos a geri-las eficazmente, mantendo um comportamento positivo para com a criança, mesmo durante o conflito entre pais e filhos. Um outro estudo, mostrou que perante manifestações emocionais negativas das crianças, mães que assumiam, junto da criança, uma postura de apoio e busca pela solução do problema, desenvolviam nas crianças modelos construtivos de lidar com os obstáculos, através da busca de soluções e pensamentos positivos (Eisenberg, Fabes, & Murphy, 1996). Estas evidências são consistentes com outras investigações que associam as respostas construtivas e de apoio dos pais às emoções das crianças, com o desenvolvimento de competências de regulação emocional mais eficazes. Contrariamente, atitudes de desvalorização, crítica e punição em resposta às manifestações emocionais negativas da criança estão associadas ao desenvolvimento de competências emocionais desajustadas e ineficazes (Denham, Bassett, & Wyatt, 2007; Thompson & Meyer, 2007).

Morris e colaboradores (2007) propuseram um paradigma de observação, argumentando que os pais fornecem modelos de monitorização das emoções (regulação) que são, posteriormente, imitados e reproduzidos pelos seus filhos. Pais que expõem as

suas crianças a modelos supressores das emoções fazem com que estas possam vir a desenvolver modelos semelhantes de gerir as suas emoções (Thompson, 1994). Pesquisas demonstram que a consciência emocional dos pais face às suas próprias emoções, apresenta uma forte correlação com a consciencialização destes face às emoções dos seus filhos (Gottman, Katz & Hooven, 1997).

Estudos orientados por Gottman e seus colaboradores (1996, 1997), distinguem três tipos de cuidadores no que se refere à regulação de emoções: *Emotion-coaching (Treino Emocional)*, *emotion-dismissing (Demissão Emocional)* e *emotion-disfunction (Disfunção Emocional)*. Os pais inseridos na primeira categoria *Emotion-coaching (Treino Emocional)* falam com os seus filhos acerca das emoções, ajudam-nos a verbalizá-las, aceitam a forma como os filhos expressam as emoções e conversam sobre a situação que originou a emoção, tentando arranjar, juntamente com a criança, objetivos e estratégias para regular e responder a essa emoção. Os pais incluídos no segundo grupo *emotion-dismissing (Demissão Emocional)*, sentem que as emoções dos seus filhos podem ser prejudiciais e uma ameaça. Eles temem que uma emoção negativa saia fora do seu controlo, tentando eliminá-la o mais rapidamente possível. Estes pais tendem a ignorar ou a negar as emoções que os seus filhos expressam. Finalmente, os pais pertencentes à última classe *emotion-disfunction (Disfunção Emocional)*, sentem as emoções como algo realmente perigoso, não sabendo como lidar com o problema. As suas próprias emoções encontram-se, muitas vezes, fora de controlo e sentem-se culpados, incapazes e impotentes perante as manifestações emocionais da criança (Gottman, Katz & Hooven, 1997). Yeh (2005) definiu uma quarta categoria parental de regulação emocional dos filhos a que deu o nome de *non-involvement (Não Envolvimento)*. Esta categoria inclui pais que não cuidam das emoções negativas dos seus filhos, não se esforçam por perceber as causas das emoções e não agem quando estas se manifestam, adotando uma postura de afastamento perante as emoções que as crianças expressam. Segundo o autor, mães que desenvolvem com os seus filhos uma filosofia de regulação emocional de *Emotion-coaching (Treino Emocional)*, providenciavam às crianças uma vinculação mais segura e um entendimento mais eficiente acerca das emoções, promovendo competências de regulação emocional eficazes e adaptativas.

A capacidade de regulação emocional dos cuidadores não é fator exclusivo para o sucesso do processo de socialização das emoções e para o desenvolvimento de competências emocionais adaptativas nas crianças. A cultura (Ford & Mauss, 2015), as condições socioeconômicas (Aber, Jones & Cohen, 2000) e o temperamento (Rothbart & Bates, 2006) da criança são também fatores a considerar para o sucesso destas aquisições.

A cultura influencia o modo como a família se expressa emocionalmente tendo em conta os diferentes valores que lhes estão subjacentes (Halberstadt & Lozada, 2011; Morris et al. 2007), na medida em que motiva ou suprime a manifestação das emoções (Ford & Mauss, 2015). Wu & Cao (2005) revela que famílias provenientes de culturas coletivistas, como a cultura Chinesa, tendem a evitar a manifestação de emoções positivas e negativas extremas, já famílias de culturas individualistas tendem a encorajar a expressão das emoções, influenciando as estratégias de regulação emocional dos indivíduos. No que respeita às condições socioeconômicas desfavorecidas, como a pobreza, autores defendem que a exposição da criança a situações de pobreza poderá ter um impacto negativo no desenvolvimento emocional das mesmas, na medida em que aumenta a exposição da criança a um conjunto de fatores pré-natais e perinatais que podem afetar negativamente o seu desenvolvimento (Brooks-Gunn, Klebanov, Liaw, & Spiker, 1993). Crianças que vivem em situação de pobreza são mais propensas a estar expostas a múltiplos fatores de stress, tais como instabilidade familiar, altos índices de violência intrafamiliar e familiar, entre outros fatores que podem ser nocivos para um desenvolvimento emocional ajustado na criança (Gershoff, Aber, & Raver, 2003). Contudo, não deve ser descurado que, embora a exposição aos riscos aumente a propensão para um desenvolvimento inadequado da criança, esta situação não é linear e deve ser levada em consideração para uma compreensão mais clara e minuciosa dos processos que preveem resultados positivos, apesar da exposição aos riscos cumulativos, uma vez que tem implicações significativas na prevenção e intervenção perante estes contextos (Gilliom et al., 2002). Já o temperamento é outro fator a considerar e é definido tendo em conta as diferenças individuais na reatividade e autorregulação, incluindo motivação, afeto, controlo inibitório e características de atenção (Rothbart & Bates, 2006). A reatividade refere-se à capacidade de resposta às mudanças nos ambientes externos e internos, indicadores como o medo, frustração,

abordagem e prazer são comumente estudados. A autorregulação refere-se ao controle orientador e executivo da atenção e do comportamento que opera para modelar a reatividade, facilitando ou inibindo a resposta fisiológica, afetiva ou comportamental (Rothbart, Ahadi, Hershey, & Fisher, 2001). O temperamento da criança, associado às práticas parentais, apresenta influências no desenvolvimento das competências emocionais e sociais da criança (Rothbart & Bates, 2006). Pensa-se que o temperamento tem influência no tipo de parentalidade exercida pelos pais e no modo como estes respondem às manifestações emocionais dos seus filhos. Estudos revelam que crianças com temperamento mais vulnerável poderão apresentar fracas competências de regulação emocional, especialmente em contextos que não lhes sejam familiares ou com os quais não estejam habituadas a lidar, facto que apresenta conformidades com manifestações de psicopatologia (Goldsmith & Lemery, 2000; Lahey, 2004). Contudo nem todos os indivíduos que apresentam vulnerabilidades temperamentais desenvolvem problemas de comportamento (Biederman et al., 2001), pensando-se que o papel das competências parentais exerça especial influência neste domínio.

Investigações que estudam o temperamento e as relações parentais referem que crianças com um temperamento vulnerável são mais afetadas pela parentalidade negativa, relativamente àquelas que não apresentam estas vulnerabilidades. Os autores concluíram que uma parentalidade desajustada afeta negativamente uma criança com temperamento vulnerável, verificando-se também o oposto, uma parentalidade adaptada beneficia os padrões de desenvolvimento de uma criança com vulnerabilidades temperamentais (Belsky & Plues, 2009).

De acordo com os estudos apresentados e tendo por base as diferentes visões dos autores, verificámos, efetivamente, que é consensual que o ambiente social, especificamente o contexto familiar, apresenta influências no modo como se realiza a socialização das emoções da criança e, conseqüentemente, no modo como esta regula as próprias emoções, responde perante determinada situação e se relaciona com os outros. É do nosso interesse aprofundar o tema, relacionando a expressividade emocional da família com o desenvolvimento de sintomas emocionais do tipo internalizantes. Pretendemos avaliar, essencialmente, a relação existente entre a expressividade familiar e os sintomas emocionais do tipo internalizantes ao invés dos sintomas de externalização, primeiramente porque verificámos uma escassa investigação científica

nesta área e, seguidamente, pelo facto deste tipo de sintomatologia, embora igualmente grave e perturbadora, passar despercebida nas nossas sociedades, não causando um impacto visível e rumoroso que perturbe a ordem ou promova a desordem da sociedade.

Pretende-se, ainda, analisar a existência ou não de relações significativas entre a expressividade familiar (positiva ou negativa) e os problemas de relacionamento com os colegas. Para ambas as questões, quisemos inteirar-nos da opinião dos autores e das pesquisas já realizadas.

2. Expressividade familiar e problemas de comportamento na adolescência.

2.1. Expressividade familiar

A expressividade familiar é um dos mecanismos através do qual ocorre o processo de socialização das emoções. Esta expressividade é definida como um padrão ou estilo persistente e predominante através do qual são manifestadas expressões emocionais de cariz verbal e não verbal no contexto familiar (Dinis, Gouveia & Xavier, 2011; Halberstadt, Cassidy, Stifter, Parke & Fox, 1995). O modo como são manifestadas as emoções na família tem sido associado ao desenvolvimento emocional e social da criança (Halberstadt, Fox & Jones, 1993), acreditando-se que apresenta influências significativas no modo como esta expressa as suas emoções e desenvolve as suas capacidades de regulação emocional (Denham, 1998; Eisenberg et al., 2001; Garner, 1995). A qualidade das competências de regulação emocional pode condicionar o desenvolvimento de sintomas emocionais do tipo internalizante e de problemas de relacionamento com os colegas (Greenberg et al., 1997; Morris et al., 2007)

O meio de expressão emocional adotado pelos pais na presença da criança, mesmo não sendo dirigido diretamente a ela, poderá influenciar a perceção da criança acerca das emoções, exercendo influência no modo como esta aprende a identificá-las e gerilá-las (Eisenberg et al., 2001). Isto permite à criança desenvolver competências ao nível do reconhecimento e compreensão emocional, com base na observação e na interpretação que faz dos modelos parentais que observa.

A frequência, a intensidade e a duração da expressão parental das emoções, sendo ela positiva ou negativa, poderá influir sobre o desenvolvimento da criança face ao que considera ser normal e expectável esperar dos outros (Dunsmore & Halberstadt, 1997),

o que nos leva a crer que famílias mais expressivas, onde se verifique uma valorização e aceitação da expressão emocional, desenvolvam nas crianças crenças positivas relativamente às emoções, considerando-as importantes, aceitáveis e valorizadas. Contrariamente, prevê-se que famílias que inibam a expressão emocional das crianças, desenvolvam nestas modelos supressores de gestão e regulação emocional, que poderão estar na base do desenvolvimento de sintomas emocionais, particularmente, do tipo internalizante (Bronstein et al, 1996).

2.2. Sintomas Emocionais e Problemas de Comportamento

Os sintomas emocionais e problemas de comportamento podem ser caracterizados por dois padrões distintos: internalizantes e externalizantes. Os externalizantes são aqueles que se expressam em relação aos outros e têm por base comportamentos como dificuldade em controlar os impulsos, hiperatividade, agressividade, presença de raiva e delinquência. Estão frequentemente ligados ao transtorno de conduta e ao transtorno desafiador opositivo (Achenbach & Howell, 1993). Os sintomas internalizantes são os que se expressam em relação ao próprio indivíduo e caracterizam-se pela tristeza, isolamento, queixas somáticas e medo. Estão, muitas vezes, relacionados com sintomatologias depressivas e ansiosas (Achenbach & Howell, 1993). Quanto ao género existe uma maior prevalência de problemas de externalização no sexo masculino e internalização no sexo feminino (Canino, 2004; Hutz & Silva, 2002; Sourander, Niemela, Santalahti, Helenius & Piha, 2008). Gilligan (1982) justifica este facto mencionando que a mulher tem um sentido moral orientado para os cuidados com os outros, enquanto os homens constroem uma moral baseada em direitos e responsabilidades individuais.

O ambiente familiar apresenta um papel importante no desenvolvimento de sintomas emocionais e problemas de comportamento, uma vez que o modo como é realizada a socialização das emoções tem impacto no desenvolvimento emocional e social da criança e adolescente. Sendo a Expressividade Familiar um dos mecanismos através do qual ocorre o processo de socialização das emoções, pretende-se analisar a relação existente entre este constructo e o desenvolvimento de sintomas emocionais do tipo internalizante e problemas de relacionamento com os colegas.

Autores defendem que ambientes familiares marcados por uma expressão emocional negativa das emoções tem sido associado a problemas de internalização em jovens adolescentes (Cummings & Davies, 2010; Cummings, Cheung & Davies, 2013; Downey & Coyne, 1990)

Halberstadt e Eaton (2002) revelaram uma correlação positiva entre a expressividade familiar negativa e a expressão de emoções negativas na criança. Contrariamente, um ambiente caracterizado por uma expressividade positiva das emoções, desenvolve nas crianças uma maior capacidade de gestão emocional, o que permite às crianças uma maior capacidade de ajustar a exibição das suas emoções (positivas e negativas) de acordo com o contexto (Garner & Power, 1996). As crianças tendem a ser mais ajustadas quando provêm de famílias suportivas, pautadas pela expressão de emoções positivas, comparativamente àquelas que advêm de contextos onde são expressadas, frequentemente, emoções negativas como a raiva e a hostilidade (Cummings, Davies & Cambell, 2000; Garber, 2006).

É interessante observar que famílias onde se verifica a presença de sintomatologias depressivas por parte dos cuidadores, são duas a cinco vezes mais propensas a desenvolver nas suas crianças problemas de comportamento, nomeadamente sintomas internalizantes como a ansiedade e a depressão, comparativamente aquelas que não apresentam este tipo de problemas (Goodman, 2007). Este facto poderá ser justificado, uma vez que se prevê que famílias caracterizadas por índices elevados de sintomatologia depressiva, tendem a expressar negativamente as suas emoções (Expressividade Familiar negativa), indo ao encontro do que se pretende verificar na presente investigação e que apresenta conformidades com outros estudos levados a cabo nesta área (Clark & Watson, 1991; Downey & Coyne, 1990).

Cummings e Davies (2010) defendem que a expressividade emocional negativa dos pais, poderá estar relacionada com o desenvolvimento de uma emocionalidade insegura nas crianças o que, por sua vez, aumenta o risco de desenvolver sintomas internalizantes. Cummings e Davies (2010) revelaram que a segurança emocional das crianças está relacionada com a sua percepção de segurança em vários contextos familiares. Índices elevados de segurança na família, proporcionados por um ambiente familiar positivo, permite que os pais sirvam de base segura, apoiando a exploração e a

relação da criança com os outros e com o mundo. A expressão de emoções negativas na família tende a vulnerabilizar esta relação de segurança, levando a que a criança possa perder a confiança, tornando-se evitante e/ou duvidosa e incapaz de encontrar uma estabilidade emocional interna na relação com os outros. Ainda nesta investigação, os autores revelaram que a sintomatologia depressiva dos pais influencia o desenvolvimento de sintomas internalizantes, caso a expressão emocional negativa destes influencie o sentido de segurança da criança. Isto é, a depressão dos pais por si só não interfere no desenvolvimento de sintomas internalizantes, a menos que outros processos sejam afetados. A pesquisa revelou que os sintomas depressivos dos pais estão relacionados com os sintomas de internalização das crianças em função da expressividade emocional negativa e da vulnerabilidade emocional da criança.

Numa outra investigação, realizada por Evans e seus colaboradores (2005), crescer num ambiente familiar caótico e desorganizado, caracterizado pela falta de estrutura e rotina, poderá interferir no desenvolvimento de competências de regulação emocional, indicando que viver num ambiente inconsistente e imprevisível pode, mais uma vez, levar a sentimentos de desamparo na criança, afetando as competências de autorregulação e, conseqüentemente, o desenvolvimento de sintomas internalizantes.

Hardy, Power e Jaedicke (1993) revelaram que a aceitação e o suporte maternal estão geralmente associados a estratégias de *coping* mais eficazes. Quando os pais apresentam capacidades para reconhecer nas crianças emoções negativas e lhes facultam competências que lhes permitem perceber, gerir e regular essas emoções, as crianças desenvolvem estratégias de *coping* e de regulação emocional mais consistentes (Dinis, Gouveia & Xavier, 2011). Contrariamente, ambientes marcados pela expressão negativa das emoções, especialmente quando exercida de forma sistemática e associada a baixos níveis de aceitação maternal, estão associados a menos capacidades de regulação emocional das crianças. Ainda neste sentido, quando as manifestações emocionais dos pais ou familiares se pautam pela minimização, punição e ausência de suporte ou quando os pais transmitem à criança que as suas emoções negativas não são aceitáveis, estas tendem a desenvolver estratégias de *coping* evitantes, sendo incapazes de regular adequadamente as suas emoções (Eisenberg & Fabes, 1994; Eisenberg et al., 1996; Jones, Eisenberg, Fabes & Mackinnon, 2002; Ramsden & Hubbard, 2002).

Assim, famílias que apresentem níveis elevados de expressividade familiar positiva e que são calorosas, tendem a ter crianças socialmente mais competentes e ajustadas (Dinis, Gouveia & Xavier, 2011).

Crianças provenientes de famílias onde exista uma maior aceitação e expressão das emoções tornam-se mais sensitivas e empáticas perante as manifestações emocionais dos outros, tornando-se mais carinhosas, amigáveis e extrovertidas. Estas características tornam as suas relações sociais mais gratificantes, recebendo dos outros um *feedback* positivo, o que por sua vez aumenta a autoestima, a aceitação social e o sentido de bem-estar (Bronstein et al., 1996). Assim, é esperado que os adolescentes que apresentem uma percepção negativa face à expressividade emocional da família exibam índices mais elevados de problemas de relacionamento com os colegas, comparativamente àqueles onde isto não se verifica. Espera-se obter resultados que indiquem que a percepção de uma expressividade familiar negativa encontra-se associada ao desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas, isto porque pensa-se que, perante uma expressividade emocional negativa da família, os adolescentes tendem a apresentar dificuldades não só na interpretação, regulação e expressão das suas emoções, como na interpretação das manifestações emocionais dos outros, o que por sua vez pode gerar dificuldades na relação com o grupo de pares.

Em suma, a expressividade familiar, especialmente a positiva, tem sido associada a índices mais ajustados de competência social, compreensão emocional, emocionalidade positiva, comportamento prossocial, segurança e autoestima (Cassidy, Parke, Butkovsky & Braungart, 1992; Halberstadt et al., 1999). Deste modo é esperado que crianças expostas a ambientes onde a expressividade familiar negativa seja predominante, apresentem lacunas ao nível das competências socio-emocionais, tendendo a desenvolver sintomas emocionais, tais como problemas de comportamento internalizantes e problemas de relacionamento com os colegas.

II - Posição do Problema

1. Objectivos

Verificando-se concordância entre os autores acerca da influência do contexto familiar no desenvolvimento de competências emocionais e sociais, a presente investigação tem como objetivo analisar, especificamente, a relação existente entre a expressividade familiar e o desenvolvimento de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas, em jovens adolescentes.

De acordo com a pesquisa realizada, os instrumentos que nos permitem avaliar a expressividade familiar, na população portuguesa, são reduzidos. Assim, achou-se pertinente, para investigações futuras, proceder-se à tradução e validação do *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ), sendo este uma variação do *Family Expressiveness Questionnaire* – FEQ (Halberstadt, 1986), Questionário de Expressividade Familiar, traduzido e adaptado para versão portuguesa, pela equipa do Professor Doutor Pinto Gouveia (Dinis, Gouveia, & Xavier, 2010). Utilizou-se a versão reduzida da escala (SEFQ), onde é eliminada a dimensão poder e mantida a dimensão valência, uma vez que, para fins de investigação científica, nesta faixa etária (adolescência), considerámos ser um bom instrumento de avaliação, tendo em conta a sua dimensão simplificada (24 itens).

Este instrumento poderá ser utilizado, em investigações futuras, para avaliar a percepção da expressividade familiar.

Para o desenvolvimento da presente investigação foram definidos os seguintes objetivos:

Objetivos Gerais:

1. Adaptar para versão portuguesa o *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ) - Versão Reduzida
2. Perceber a relação entre a percepção da expressividade familiar e o desenvolvimento de sintomas emocionais;
3. Compreender a relação entre a percepção da expressividade familiar e o desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas.

Objetivos Específicos:

1. Apresentar um instrumento que permita avaliar a percepção que os jovens, entre os 13 e os 16 anos, manifestam quanto à expressividade familiar;
2. Avaliar a percepção que os jovens têm da expressividade familiar em idades entre os 13 e os 16 anos;
3. Perceber de que forma é que a percepção da expressividade familiar negativa se relaciona com o desenvolvimento de sintomas emocionais;
4. Estudar a influência da percepção de expressividade familiar negativa no desenvolvimento de sintomas emocionais, consoante o género;
5. Compreender de que forma é que a percepção da expressividade familiar negativa se relaciona com o desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas;
6. Estudar a influência da percepção de expressividade familiar negativa no desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas, consoante o género;
7. Compreender se o género tem influência no modo como os adolescentes percebem a expressividade familiar;
8. Estudar a influência da variável idade no modo como os adolescentes percebem a expressividade familiar negativa.

Com o intuito de dar resposta aos objetivos definidos para esta investigação, foram elaboradas as seguintes **hipóteses** que servem de base orientadora do presente estudo:

H1 - É esperado que a versão portuguesa do *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ) - versão reduzida, apresente uma boa consistência interna, tornando-se um instrumento fiável para investigação;

H2 - É esperado que a percepção que os indivíduos manifestam face à expressividade emocional da família se relacione com o desenvolvimento de sintomas emocionais.

H2a - Prevê-se que uma maior percepção da expressividade familiar negativa se correlacione, positivamente, com maior relato de sintomas emocionais reportados pelos adolescentes.

H2b - É expectável que a percepção da expressividade familiar negativa apresente uma relação mais forte com o desenvolvimento de problemas emocionais em adolescentes do sexo feminino, comparativamente com o sexo masculino.

H3 - É esperado que a percepção dos indivíduos face à expressividade emocional da família se relacione com o desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas.

H3a - Prevê-se que a percepção da expressividade familiar negativa se correlacione, positivamente, com os problemas de relacionamento com os colegas.

H3b - É expectável que a percepção da expressividade familiar positiva se correlacione, negativamente, com os problemas de relacionamento com os colegas.

H3c - É esperado que a percepção da expressividade familiar negativa apresente uma relação mais forte com o desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas em adolescentes do sexo masculino, comparativamente com os do sexo feminino.

H4 - Prevê-se que existam diferenças estatísticas, significativas, entre percepção da expressividade familiar negativa e positiva consoante o género; antevendo-se que o género feminino percecionasse índices mais elevados de expressividade familiar negativa, não se esperando diferenças significativas entre ambos os géneros face à expressividade familiar positiva.

H5 - São esperadas diferenças estatísticas significativas na percepção da expressividade familiar negativa consoante a idade, prevendo-se que os sujeitos com idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos evidenciem índices mais elevados de percepção

da expressividade familiar negativa, comparativamente com os sujeitos de idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos.

H6- É esperado que a prevalência dos sintomas emocionais seja mais significativa no género feminino, comparativamente ao género masculino.

H7 - É expectável que a prevalência dos problemas de relacionamento com os colegas seja mais significativa no género masculino, comparativamente ao género feminino.

III - Metodologia

Para a elaboração do presente trabalho de investigação optou-se por desenvolver um estudo não experimental, uma vez que não existe manipulação das variáveis. Dentro dos estudos não experimentais, esta investigação enquadra-se no modelo correlacional pois tem como objetivo examinar as relações existentes entre as variáveis e explicá-las. Este tipo de estudos apoia-se em proposições teóricas constituídos em hipóteses, com vista à predição da ação das variáveis (Fortin, 2009).

Neste capítulo é descrita a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados e o procedimento usado na recolha dos dados.

1. Caracterização da Amostra

Nesta investigação foi recolhida uma amostra constituída por 165 alunos de duas escolas do Concelho de Leiria, entre os 13 e os 16 anos de idade. A seleção dos sujeitos foi realizada de acordo com os seguintes critérios de inclusão: ter idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos, ter competências de leitura e escrita autónomas; e pelo critério de exclusão: não apresentarem nenhum tipo de necessidade educativa especial do domínio cognitivo que dificultasse a compreensão e o preenchimento das escalas, de forma a evitar o enviesamento dos dados. Seguidamente serão apresentadas as tabelas 1, 2, 3 e 4, onde é caracterizada estatisticamente a amostra recolhida.

Tabela 1 - Distribuição da amostra por gênero

		Amostra Total	
		N= 165	
		N	%
Gênero	Masculino	92	55,8
	Feminino	73	44,2

Tabela 2 - Distribuição da amostra segundo a idade

		Amostra Total	
		N= 165	
		N	%
Idade	13-14	114	69,1
	15-16	51	30,9

Como podemos observar nas tabelas 1 e 2, a amostra é constituída por 165 jovens, sendo que 92 (55,8%) são do gênero masculino e 73 (44,2%) do gênero feminino. Relativamente à variável idade, podemos observar que 114 jovens pertencentes à amostra têm idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos e os restantes 51 jovens, apresentam idades entre os 15 e os 16 anos.

Tabela 3 - Distribuição da amostra de acordo com o Agregado Familiar

		Amostra Total	
		N=165	
		N	%
Reside com...	Pai e Mãe	131	79,4
	Pai	4	2,4
	Mãe	29	17,6
	Outros	1	0,6

Tabela 4 - Distribuição da amostra de acordo com as habilitações académicas dos pais

		Amostra Total	
		N=165	
		N	%
	1º Ciclo	10	6,1
Habilitações	2º Ciclo	30	18,2
Académicas	3º Ciclo	45	27,3
	Ensino Secundário	57	34,5
	Ensino Superior	23	13,9

Para tornar o estudo estatístico mais rico, avaliou-se a distribuição da amostra de acordo com o agregado familiar dos jovens com o intuito de obter informações específicas acerca dos familiares mais próximos. Estudou-se ainda a distribuição da amostra quanto às habilitações académicas, sendo que nos dados consta o cuidador que, dentro do agregado familiar, apresenta habilitações académicas mais elevadas. Neste sentido, foi possível observar que 131 dos jovens inquiridos, vivem com o pai e com a mãe, 29 vivem apenas com a mãe, 4 apenas com o pai e 1 afirmou viver com "outros" cuidadores, podendo estes ser avós, tios, padrinhos e/ou madrinhas.

Ao realizar a análise estatística, no que respeita às habilitações académicas, verificou-se que 57 (34,5%) dos cuidadores têm o ensino secundário completo, 45 (27,3%) o 3º Ciclo, 30 (18,2%) o 2º Ciclo, 23 (13,9%) o ensino superior e 10 (6,1%) o 1º Ciclo. Neste sentido, foi possível concluir que, na presente amostra, mais de 50% dos cuidadores tem o 3º ciclo ou o ensino secundário.

2. Instrumentos Utilizados

2.1. Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) (Goodman, 1997)

O SDQ - *Strengths and Difficulties Questionnaire* é um questionário conciso (com vinte e cinco itens) que foi desenvolvido e validado no Reino Unido por Robert Goodman, em 1997. Pode ser aplicado como instrumento de investigação em estudos de comportamento, emoções e relações interpessoais de crianças e adolescentes, com

idades compreendidas entre os 4 e os 17 anos. Apresenta uma classificação global dos problemas de humor, concentração, comportamento e interação com os outros, podendo ser feita, mesmo que de uma forma sucinta, a triagem para as perturbações de externalização e internalização. Este instrumento apresenta uma versão de autorrelato para ser usada com crianças a partir dos 11 anos, uma versão para pais e uma versão para professores (Becker, Woerner, Hasselhorn, Banaschewski e Rotherberger, 2004; RoyVeenstra e Clench-Aas, 2008).

As opções de resposta do questionário variam entre o "Não é verdade", "É um pouco verdade" e "É muito verdade". Este questionário estrutura-se com base em 25 itens, com cenários que dizem respeito a acontecimentos ocorridos nos últimos seis meses, que se subdividem em cinco subescalas: (1) sintomas emocionais, (2) problemas de comportamento, (3) hiperatividade, (4) problemas de relacionamento com os colegas e (5) comportamento pró-social (Becker, Hagenberg, Roessner, Woerner & Rothenberger, 2004).

As principais vantagens da utilização do SDQ, em estudos científicos, prendem-se com a fácil aplicação e abrangência, com a simples gestão e análise das propriedades comportamentais (negativas e positivas), com a correspondência das suas subescalas e itens com critérios de classificação correntes, com a utilização transversal dos itens e escalas nas versões para pais, professores e na versão de autorrelato, e com a sua disponibilidade, uma vez que se apresenta traduzido para mais de 40 línguas e sem custos, quando usado para fins não comerciais (Rothenberger & Woerner, 2004; Roy, Veenstra & Clench-Aas, 2008).

Os seus resultados apresentam correlações positivas com os de outros questionários com fortes propriedades psicométricas, nomeadamente com o *Child Behaviour Checklist* (versão para pais, professores e de autorrelato – *Teacher's Report Form* e *Youth Self-Report*, Achenbach, 1991) (Rothenberger & Woerner, 2004). As suas propriedades psicométricas e estrutura fatorial têm sido satisfatoriamente replicadas em vários países (Becker et al., 2004; Marzocchi et al., 2004; Rothenberger & Woerner, 2004; Roy, et al., 2008).

Em Portugal, o SDQ foi traduzido e adaptado por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (2005). Foram investigadas as propriedades psicométricas de três versões do SDQ (para pais, professores e autorrelato), numa amostra de crianças entre os 5 e os 16

anos (Marzocchi et al., 2004). Estes estudos contribuíram para a evidência da confiança e validade do SDQ.

No presente estudo, apenas serão utilizadas duas das cinco subescalas que constituem o instrumento, nomeadamente escala de sintomas emocionais e escala de problemas de relacionamento com os colegas que, posteriormente, serão correlacionadas com as subescalas do *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ), descrito seguidamente.

2.2. *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ)

O *Self Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ) é um questionário desenvolvido com base no Questionário de Expressividade Familiar (*Family Expressiveness Questionnaire* – QEF) (Halberstadt et al., 1995), traduzido e validado para língua portuguesa num estudo levado a cabo por Dinis, Gouveia e Xavier (2011).

A ausência de instrumentos que avaliassem a expressividade emocional da família, fez com que Halberstadt desenvolvesse, em 1986, o Questionário de Expressividade Familiar (*Family Expressiveness Questionnaire* – QEF). Uma das vantagens deste instrumento prende-se com o facto de permitir analisar o modo como as emoções são expressadas na família de forma global, não se dirigindo especificamente a um membro em particular. Permite-nos também, indiretamente, avaliar a qualidade das relações vivenciadas entre o respondente e os respetivos cuidadores.

O questionário de Expressividade Familiar (QEF) foi desenvolvido para ser uma medida retrospectiva de auto-resposta. É composto por 40 itens que representam uma variedade de cenários afetivos, que são comuns a muitas famílias e nos quais foram expostas emoções positivas e negativas. No preenchimento deste instrumento é pedido à pessoa que classifique cada cenário de expressão emocional, atribuindo-lhe um número representativo da frequência com que aquele acontecimento ocorreu na sua família, durante a infância e adolescência. O respondente utiliza uma escala de Likert que varia entre 1 ("nada frequente na minha família") e 9 ("muito frequente na minha família"). Os itens do QEF encontram-se relacionados quer com a expressividade não verbal, quer com o conteúdo verbal.

O questionário é composto por duas dimensões: a valência do afeto (positiva, negativa) e o poder/intensidade da expressão (dominante, submisso). Ao se cruzarem estas duas dimensões, surgem quatro subescalas: dominância positiva (DP), submissão positiva (SP), dominância negativa (DN) e submissão negativa (SN).

Halberstadt (1986) apresentou *Alfas de Cronbach* de 0.75 (SN), 0.87 (SP) e 0.88 (DP e DN). A consistência teste-reteste, para um período de 10 dias (n=30) foi de 0.89 (SN), 0.91 (SP e DN) e 0.92 (DP). Estudos levados a cabo por Eisenberg et al. (1992) confirmam a validade do QEF, comprovando que o grau de expressividade emocional vivenciada pelo indivíduo no seio da família, está relacionada com a capacidade que este manifesta em interpretar as emoções dos outros, assim como em expressar e identificar as suas próprias emoções.

Apesar de existirem vários estudos em que é mantido o formato base da escala, em 4 subescalas (Halberstadt, 1986), existem outros onde é utilizado um formato simplificado, onde se elimina a dimensão poder e mantem-se a dimensão valência, sendo os 40 itens distribuídos pelas duas subescalas, expressividade positiva e expressividade negativa (Burrowes & Halberstadt, 1987).

A subescala de expressividade familiar positiva descreve cenários em que os elementos da família assumem um papel ativo quanto à demonstração de emoções positivas, tendo como objetivo criar afeto positivo na comunicação que se estabelece entre os diferentes membros da família (Ex: elogiar alguém, confortar, abraçar, animar um familiar, agradecer, etc.). A escala de expressividade familiar negativa apresenta cenários onde são expressas representações emocionais negativas entre os vários elementos da família, podendo estas ter uma vertente mais dominante, como o criticismo, o desprezo, a ameaça e a raiva, ou mais submissa como a mágoa, a tristeza, o embaraço e o desapontamento.

Posteriormente, surgiu uma variação deste questionário, ao qual a autora deu o nome de *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* - SEFQ (Halberstadt et al., 1995). O SEFQ é composto pelos mesmos itens que o QEF, mas são alteradas as instruções de preenchimento. Desta forma, pede-se ao respondente que, em vez de avaliar a expressividade emocional da família durante a sua infância e adolescência, exponha o modo como ele próprio expressa, atualmente, as suas emoções no seio da família.

No presente estudo aplicou-se o *Self Expressiveness in the Family Questionnaire_SEFQ* (Halberstadt, 1995), sendo este uma variação do questionário de Expressividade Familiar (QEF; Halberstadt, 1986; tradução e adaptação de Dinis, Gouveia, & Xavier, 2010), como instrumento de avaliação, utilizando-se uma versão reduzida da escala, constituída por 24 itens, onde é eliminada a dimensão poder. Deste modo, pediu-se aos adolescentes que preenchessem o questionário, tendo em conta a sua perceção relativamente à expressividade emocional, manifestada pelos membros da família, nomeadamente pelos cuidadores, figuras mais próximas dos jovens.

3. Procedimentos

A primeira etapa desenvolvida nesta investigação foi a tradução para língua portuguesa do *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire*. Para isso foi necessário pedir autorização à autora original da escala para que esta pudesse ser aplicada na presente investigação. Após o consentimento da mesma, procedeu-se à tradução do instrumento pela investigadora e pela professora orientadora do estudo, elaborando-se a versão portuguesa final do SEFQ - versão reduzida. Seguidamente a escala foi testada em quatro adolescentes de cada grupo etário, nomeadamente um adolescente de treze anos, um de catorze, um de quinze e um de dezasseis, com o objetivo de avaliar possíveis dificuldades de preenchimento e compreensão dos itens apresentados.

Uma vez concluída a fase de teste e não tendo sido detetadas quaisquer dificuldades, foi solicitada autorização para a implementação do estudo aos diretores dos agrupamentos de escolas, nomeadamente Agrupamento de Escolas Pinhal do Rei e Agrupamento de Escolas das Colmeias, ambos pertencentes ao distrito de Leiria. Após o consentimento dos membros da direção das respetivas escolas, foi elaborado um documento explicativo do presente estudo, onde era solicitada autorização aos encarregados de educação para a colaboração dos seus educandos na presente investigação.

Posteriormente, procedeu-se à recolha dos dados em quatro turmas de oitavo ano e quatro turmas de nono ano das respetivas escolas (Escola A - 2 turmas de oitavo, 2 turmas de nono ano; Escola B - 2 turmas de oitavo, 2 turmas de nono ano), tendo sido ambas as escalas entregues aos alunos e preenchidas em sessões de 30 minutos, estando

a investigadora presente em todas as sessões. Durante toda a investigação foi mantido o completo sigilo e o anonimato dos dados recolhidos.

IV. Análise de Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados estatísticos obtidos através do programa informático "IBM-*Statistical Package for Social Science*" - SPSS, versão 22, onde procuramos dar resposta às hipóteses formuladas anteriormente.

Através desta ferramenta (SPSS) foi possível realizar estatísticas descritivas a partir dos dados que obtivemos, que caracterizam a amostra, especificamente frequências, percentagens, média e desvio padrão das variáveis em estudo. Uma vez que um dos objetivos do presente estudo é traduzir e adaptar a escala SEFQ - *Self Expressiveness Family Questionnaire*- versão reduzida (24 itens), procedemos à análise da consistência interna do instrumento através do cálculo do coeficiente de *Alpha de Cronbach* para as duas subescalas, positiva e negativa.

Relativamente à análise inferencial dos dados, utilizou-se o teste *t de student* com o objetivo de verificar se existiam diferenças significativas na expressividade familiar positiva e negativa e nos sintomas emocionais e problemas de relacionamento com os colegas, em função do género e da idade. Foi ainda utilizada a ANOVA para comparar as médias obtidas entre mais do que dois grupos de sujeitos, nas variáveis em estudo.

1. Estatísticas descritivas da amostra nas variáveis em estudo

Seguidamente, são apresentados os dados descritivos relativos aos instrumentos utilizados, designadamente no que respeita aos valores obtidos da média e do desvio padrão em cada instrumento, em função da variável "género", e à existência ou não de diferenças significativas entre rapazes e raparigas.

Tabela 5 - Descrição da amostra nas variáveis em estudo, em função do género

	Média			P
	Masculino	Feminino	Total	
SEFQ - Positivo	74,28 (15,95)	79,31 (16,30)	76,58	N.S
SEFQ - Negativo	38,65 (14,67)	43,06 (14,79)	40,64	N.S
SDQ - Sintomas Emocionais	2,84 (1,84)	4,38 (2,09)	3,52	<0,00
SDQ - Problemas de relacionamento c/colegas	1,66 (1,52)	1,27 (1,45)	1,49	N.S

Nota: O desvio padrão encontra-se entre parênteses

N.S.: Não significativo

Observando a tabela 5, podemos verificar que apenas na subescala de Sintomas Emocionais do SDQ são visíveis diferenças significativas no que respeita à variável “género” ($P \leq 0,05$). Isto diz-nos que, na presente amostra, constataram-se índices mais elevados de sintomas emocionais em indivíduos do sexo feminino, comparativamente com o sexo masculino, sendo esta diferença significativa, o que comprova a hipótese H6. Nas restantes subescalas, nomeadamente na subescala de problemas de relacionamento com os colegas do SDQ e nas subescalas de expressividade familiar positiva e negativa do SEFQ, as diferenças não são significativas, o que nos leva a rejeitar a hipótese H7. Particularmente, nas subescalas de expressividade familiar positiva e negativa, são visíveis diferenças nos valores apresentados, notando-se que o género feminino apresenta valores ligeiramente mais elevados no que respeita à expressividade familiar (Positiva e Negativa). No entanto, de acordo com Pestana & Gageiro (2005), estes valores não são significativos, uma vez que o valor de $P > 0,05$. Os resultados apresentados confirmam, parcialmente, a hipótese H4, uma vez que, nesta hipótese, se prevê que o sexo feminino percecione índices mais elevados de expressividade familiar negativa, comparativamente com o sexo masculino, o que não se verifica. No entanto, confirma-se que, no que diz respeito à expressividade familiar positiva, não são notórias diferenças significativas, de acordo com o género.

Tabela 6 - Descrição da amostra nas variáveis em estudo, em função da idade

	Média			P
	13-14	15-16	Total	
SEFQ - Positivo	75.25 (15.7)	79.35 (17.3)	76.58 (16.25)	n.s
SEFQ - Negativo	40.22 (13.9)	41.27 (16.8)	40.64 (14.84)	n.s
SDQ - Sintomas Emocionais	3.43 (2.1)	3.65 (2.2)	3.52 (2.09)	n.s
SDQ - Problemas de relacionamento c/colegas	1.56 (1.5)	1.34 (1.5)	1.49 (1.5)	n.s

Nota: O desvio padrão encontra-se entre parênteses

N.S.: Não significativo

Analisando a tabela 6, os dados descritivos dos instrumentos utilizados na presente investigação, relativamente à idade, observamos que não existem diferenças significativas em ambas as escalas (SEFQ e SDQ) em função da idade, logo, a diferença de idades entre os 13 e os 16 anos não parece ser um fator influente na percepção da expressividade familiar (Positiva e Negativa), nem na manifestação de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas. Podemos assim concluir que os jovens mais velhos, de idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos, não apresentam diferenças significativas na percepção da expressividade familiar negativa, comparativamente com os jovens de idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos [$t(164, 1) = -0,406; P=0.686$], o que nos leva a rejeitar a hipótese H5.

2. Avaliação das qualidades psicométricas da versão portuguesa do *Self - Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ) - Versão reduzida (24itens)

Com o intuito de avaliar as qualidades psicométricas da versão portuguesa do *Self - Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ) - versão reduzida, na presente investigação, recorreu-se a dois métodos distintos.

Num primeiro momento, foi avaliada a estrutura dimensional do instrumento, através da análise fatorial exploratória em componentes principais, com o objetivo de compreender a correlação entre as variáveis observáveis, reduzindo o seu número a

fatores, de modo a fazer uma interpretação mais facilitada dos dados, tendo sido utilizada uma rotação *varimax* (Pestana & Gageiro, 2005). Seguidamente, procedeu-se à análise da fiabilidade do instrumento, através do cálculo do *alpha de Cronbach*, que permite determinar até que ponto cada enunciado da escala mede um dado conceito da mesma forma que os outros. Os valores dos coeficientes variam entre 0.00 e 1.00; um valor elevado indica uma forte consistência interna (Fortin, 2009). A análise fatorial exploratória permitiu obter um *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) de 0.830, o que significa que existe uma boa correlação entre as variáveis. Este resultado é confirmado pelos valores de significância do teste de esfericidade de *Bartlett* ($P < .000$). Valores do teste de esfericidade de Bartlett com níveis de significância $p < 0.05$ indicam que a matriz é fatorável (Fortin, 2009). Estes dados indicam-nos um grau de consistência elevada, o que nos permite avançar com segurança para a análise fatorial do instrumento (Pestana & Gageiro, 2005). Recorrendo à análise fatorial da escala com solução forçada a dois fatores, foi-nos possível obter dois fatores, de acordo com o critério de Kaiser, que apresentam valores próprios superiores a 1, explicando 42,98% da variância total dos dados.

A tabela 6 e 7 permite-nos observar, com maior clareza, os dados descritos anteriormente.

Tabela 7 - Total de variância explicada (dois fatores)

Componentes	Eigenvalues			Rotação da soma dos quadrados		
	Total	% Variação	% Cumulativa	Total	% Variação	% Cumulativa
1	6.554	27.308	27.308	6.554	27.308	27.308
2	3.762	15.674	42.981	3.762	15.674	42.981

Através da análise das tabelas 6, 7 e 8 podemos perceber que, ambos os fatores (Fatores 1 e 2), incluem 12 itens, sendo que no fator 1, estes itens explicam 27.31% da variância e no fator 2, explicam 15.67% da mesma.

Na tabela que se segue (tabela 8), podemos analisar a distribuição dos itens da escala pelos dois fatores (Fatores 1 e 2), que nos mostra o maior valor de saturação de cada item no respectivo fator. Assim, tendo em conta a distribuição dos itens por cada fator/componente, atribuiu-se um nome a cada um deles. O fator 1 denominou-se por *Expressividade Familiar Positiva*, uma vez que inclui itens que assumem um papel ativo na demonstração de emoções positivas, tendo como objetivo criar afeto positivo na comunicação, já o fator 2 designou-se de *Expressividade Familiar Negativa*, uma vez que os itens associados incluem cenários onde são expressões emoções negativas entre os vários elementos da família.

Tabela 8 - Distribuição dos itens da escala pelas duas componentes

	Fatores	
	1	2
1. Mostrar desprezo pelas ações dos outros.		.615
2. Mostrar insatisfação pelo comportamento de outra pessoa.		.525
3. Elogiar alguém por ter feito um bom trabalho.	.574	
4. Ficar zangado com a falta de cuidado de outra pessoa.		.553
5. Amuar com os tratamentos injustos por parte de alguém da família.		.655
6. Culparem-se uns aos outros quando existem problemas familiares.		.700
7. Desvalorizar os interesses de outros.		.679
8. Mostrar que não se gosta de alguém.		.536
9. Ficar desfeito quando a tensão familiar aumenta.		.501
10. Expressar excitação com os nossos planos futuros.	.511	
11. Mostrar admiração.	.573	
12. Mostrar desapontamento quando algo não corre bem.		.565
13. Dizer a alguém como está bonito/a.	.761	
14. Expressar simpatia pelos problemas dos outros.	.604	
15. Mostrar grande afeto ou amor por alguém.	.726	
16. Brigar com alguém da família.		.658
17. Abraçar um familiar de forma espontânea.	.647	
18. Irritar-se facilmente com situações que não são assim tão importantes.		.673
19. Aninhar-se (confortar-se) com alguém da família.	.680	
20. Tentar animar alguém que está triste.	.707	
21. Partilhar felicidade com a família.	.703	
22. Ameaçar alguém.		.514
23. Agradecer por um favor que nos fizeram.	.562	
24. Surpreender alguém com um pequeno presente ou favor.	.587	

Tabela 9 - Estrutura Fatorial do Modelo

Nome do fator	Itens englobados no fator
Expressividade Familiar Positiva	<p>3. Elogiar alguém por ter feito um bom trabalho.</p> <p>10. Expressar excitação com os nossos planos futuros.</p> <p>11. Mostrar admiração.</p> <p>13. Dizer a alguém como está bonito/a.</p> <p>14. Expressar simpatia pelos problemas dos outros.</p> <p>15. Mostrar grande afeto ou amor por alguém.</p> <p>17. Abraçar um familiar de forma espontânea.</p> <p>19. Aninhar-se (confortar-se) com alguém da família.</p> <p>20. Tentar animar alguém que está triste.</p> <p>21. Partilhar felicidade com a família.</p> <p>23. Agradecer por um favor que nos fizeram.</p> <p>24. Surpreender alguém com um pequeno presente ou favor.</p>
Expressividade Familiar Negativa	<p>1. Mostrar desprezo pelas ações dos outros.</p> <p>2. Mostrar insatisfação pelo comportamento de outra pessoa.</p> <p>4. Ficar zangado com a falta de cuidado de outra pessoa.</p> <p>5. Amuar com os tratamentos injustos por parte de alguém da família.</p> <p>6. Culparem-se uns aos outros quando existem problemas familiares.</p> <p>7. Desvalorizar os interesses de outros.</p> <p>8. Mostrar que não se gosta de alguém.</p> <p>9. Ficar desfeito quando a tensão familiar aumenta.</p> <p>12. Mostrar desapontamento quando algo não corre bem.</p> <p>16. Brigar com alguém da família.</p> <p>18. Irritar-se facilmente com situações que não são assim tão importantes.</p>

22. Ameaçar alguém.

Após a análise fatorial, seguiu-se um segundo momento na análise das qualidades psicométricas do instrumento, através de estudos de fiabilidade. Deste modo, procedeu-se ao cálculo do *Alpha de Cronbach*, para as duas subescalas do instrumento, obtendo-se para a subescala *Expressividade Familiar Positiva*, um valor de *alpha* de 0.876, e para a subescala *Expressividade Familiar Negativa*, um valor de *alpha* de 0.841. Como podemos analisar na tabela 10, estes valores aproximam-se muito dos valores apresentados pela autora na versão original do instrumento (Halberstadt et al., 1995). De acordo com Pestana & Gageiro (2005)¹, estes valores correspondem a uma consistência interna alta, uma vez que estão próximos de 1, garantindo a fiabilidade do instrumento para fins de investigação, o que os leva a comprovar a hipótese H1.

Tabela 10 - Consistência Interna do SEFQ

	Alpha de Cronbach	<i>Alpha de Cronbach</i> - Versão Original -	
SEFQ	Positiva	0.88	0.92
	Negativa	0.84	0.85

Seguidamente ao estudo de fiabilidade do instrumento para cada subescala, através da determinação do *Alpha de Cronbach*, procedeu-se à análise das correlações entre o item e o valor total das subescalas, assim como o valor do *alpha*, caso esse item fosse retirado, como podemos observar na tabela seguinte (Tabela 11).

¹Segundo Pestana & Gageiro (2005), a associação entre duas variáveis é muito baixa quando o coeficiente de correlação (r) é < 0.20 e 0.39 , moderada entre 0.40 e 0.69 , alta entre 0.70 e 0.89 e muito alta entre 0.90 e 1.0 .

Tabela 11 - SEFQ (Versão Portuguesa): *Alpha de Cronbach*, correlação item-total e item se o *alpha* for retirado por subescala

Instrumento	Subescalas	Alpha de Cronbach	Item	Média	R-Item total	Alpha (s/item)
SEFQ (Versão	Expressividade Familiar Positiva	0.876	3	69.68	0.518	0.869
			10	70.88	0.404	0.876
			11	70.57	0.483	0.871
			13	70.35	0.693	0.857
			14	70.59	0.473	0.872
			15	69.64	0.682	0.859
			17	70.76	0.608	0.863
			19	70.65	0.600	0.864
			20	69.95	0.683	0.859
			21	69.48	0.641	0.862
Portuguesa - 24 itens)	Expressividade Familiar Negativa	0.841	23	69.23	0.495	0.870
			24	70.62	0.547	0.867
			1	38.50	0.564	0.826
			2	36.55	0.428	0.835
			4	35.46	0.436	0.835
			5	36.83	0.552	0.825
			6	37.92	0.610	0.821
			7	38.29	0.637	0.822
			8	38.46	0.482	0.831
			9	36.71	0.418	0.837
12	35.36	0.422	0.835			
16	37.40	0.537	0.827			
18	36.63	0.616	0.820			
22	38.96	0.456	0.834			

Através da análise da tabela anterior, concluímos que os itens, de ambas as subescalas, apresentam valores de correlação altos com o total das respectivas subescalas, o que nos diz que em ambas as dimensões se verifica uma boa consistência interna. Isto permite-nos perceber que o instrumento poderá ser tratado e utilizado tanto na sua totalidade, como acontece na presente investigação, como de forma bidimensional, utilizando cada uma das subescalas, separadamente.

Estudos de Correlação

Para investigar a relação entre a percepção da expressividade familiar e as duas subescalas do instrumento SDQ: sintomas emocionais e problemas de relacionamento com os colegas, efetuámos correlações entre elas através do cálculo do coeficiente de *Pearson*, utilizado quando as variáveis provêm de amostras com distribuição normal (Maroco & Bispo, 2003)

Começamos por testar a correlação entre a percepção da expressividade familiar (Positiva/Negativa) e o desenvolvimento de sintomas emocionais e problemas de relacionamento com os colegas.

Correlação entre a percepção da expressividade familiar e o desenvolvimento de sintomas emocionais e problemas de relacionamento com colegas, reportados pelos Adolescentes

Tabela 12 - Correlações entre as subescalas do SEFQ e as subescalas do SDQ

	SDQ - Sintomas Emocionais -	SDQ - Prob. Relac. Colegas -
SEFQ - Expressividade Familiar Positiva-	n.s.	- 0,337**
SEFQ - Expressividade Familiar Negativa -	0,341**	0,197*

N.S.: Não significativo

* p< .05

** p< .001

De acordo com os resultados obtidos nesta análise, podemos verificar que a subescala expressividade familiar negativa, correlaciona-se de forma positiva e significativa com os sintomas emocionais ($R= 0,34$; $p < 0,001$), embora que, de acordo Pestana & Gageiro (2005), esta correlação seja fraca. Estes dados confirmam a hipótese de que adolescentes que percecionem o seu ambiente familiar como sendo emocionalmente negativo, tendem a desenvolver mais sintomas emocionais, comparativamente com os adolescentes que caracterizem o seu ambiente familiar como sendo emocionalmente positivo, já que a correlação entre expressividade familiar positiva e sintomas emocionais não foi significativa (Hipótese H2a). O mesmo acontece quando relacionamos a expressividade familiar negativa e os problemas de relacionamento com os colegas. Embora seja fraca, esta correlação é positiva e significativa, confirmando-se a hipótese H3a, onde se prevê que a percepção da expressividade familiar negativa se correlacione positivamente com os problemas de relacionamento com os colegas. Em ambas as situações, constatamos que quanto maior for a percepção dos jovens face à expressividade familiar negativa, tende a ser maior a presença de problemas de relacionamento com os colegas, bem como a presença de sintomas emocionais.

Podemos também verificar que a correlação que existe entre a expressividade familiar positiva e o desenvolvimento de sintomas emocionais não é significativa. Contudo o mesmo não se verifica para os problemas de relacionamento com os colegas, onde podemos aferir uma correlação negativa e significativa entre estas duas subescalas. Deste modo, prevê-se que jovens que percecionem o seu ambiente familiar como sendo emocionalmente mais positivo, tendem a apresentar menos problemas de relacionamento com os colegas, confirmando-se assim a hipótese H3b.

Observando a tabela seguinte (Tabela 13) percebemos que, tanto no sexo masculino, como no feminino, quando o ambiente familiar é caracterizado por um clima emocional positivo (expressividade familiar positiva), estes tendem a revelar uma menor incidência no que respeita à presença de problemas de relacionamento com os colegas. O mesmo já não se verifica quanto à expressividade familiar negativa. Rapazes que percecionem o seu ambiente familiar como sendo emocionalmente mais negativo, tendem a apresentar problemas no relacionamento com os seus colegas, esta relação não é confirmada no sexo feminino, prevendo-se que a expressividade familiar negativa,

percebida pelas raparigas, não exerce grande influência no modo como elas se relacionam com o grupo de pares, contrariamente ao que acontece nos rapazes.

Tabela 13 - Correlações entre as subescalas do SEFQ e as subescalas do SDQ em função do género.

Género		SDQ	SDQ
		- Sint.Emoc. -	- Prob. Relac. Colegas -
Feminino	SEFQ	n.s	- 0,360**
	Expr. Posit.		
	SEFQ	0,320**	n.s
	Expr. Negat.		
Masculino	SEFQ	n.s	- 0,298**
	Expr. Posit		
	SEFQ	0,382**	0,237*
	Expr. Negat.		

N.S.: Não significativo

* p< .05

** p< .001

Através da observação da tabela 13, concluímos que quando estabelecemos correlações entre a expressividade familiar negativa e os sintomas emocionais, tanto nos rapazes como nas raparigas a correlação é positiva e significativa, embora seja fraca. Deste modo, podemos afirmar que a hipótese H2b, que refere que a percepção da expressividade familiar negativa apresenta uma relação mais forte com o desenvolvimento de problemas emocionais em adolescentes do sexo feminino, comparativamente com o sexo masculino, não se verifica no presente estudo. Já no que diz respeito à relação que existe entre a percepção da expressividade familiar negativa com os problemas de relacionamento com os colegas, averiguamos que nas raparigas esta relação não se comprova, no entanto, nos rapazes a relação é positiva e significativa, embora seja também fraca. Isto diz-nos que rapazes que percecionem a expressividade familiar como negativa, tendem a apresentar mais problemas de relacionamento com os colegas, verificando-se assim a hipótese H3c.

V. Discussão dos Resultados

Da análise realizada aos resultados obtidos procedeu-se à discussão dos mesmos, relacionando-os com o enquadramento teórico, procurando dar resposta às hipóteses formuladas. Numa primeira fase, irão ser discutidos os resultados obtidos no estudo das qualidades psicométricas do *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire*, passando posteriormente à análise das relações entre a expressividade familiar e o desenvolvimento de sintomas emocionais e problemas de relacionamento com os colegas em adolescentes dos 13 aos 16 anos de idade.

1. Avaliação das qualidades psicométricas da versão reduzida do *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire*_Tradução e Adaptação para língua portuguesa

Uma das primeiras hipóteses formuladas nesta investigação diz respeito ao estudo das qualidades psicométricas do *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire*, prevendo-se que seria um instrumento confiável para avaliar a Expressividade Familiar percebida por adolescentes, dos 13 aos 16 anos de idade. Com o intuito de avaliar as qualidades psicométricas do instrumento, com vista à sua aplicação para fins de investigação, procedeu-se, numa primeira fase, à análise fatorial exploratória do mesmo, onde se obteve um Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de 0,830, revelando a existência de uma boa correlação entre as variáveis em estudo, confirmada pelo teste de Bartlett, revelando este um valor de significância de $P < .000$. De acordo com Pestana & Gageiro (2005) estes dados indicam uma consistência elevada, permitindo avançar com segurança para a análise fatorial do instrumento. Na análise fatorial com solução forçada a dois fatores, foi possível obter dois fatores com valores próprios superiores a 1, que explicam 42,98% da variância. A cada fator foi atribuído um nome, nomeadamente *Expressividade Familiar Positiva* e *Expressividade Familiar Negativa*. Procedeu-se então aos estudos de fiabilidade do instrumento através do cálculo do *Alpha de Cronbach* para as duas subescalas, obtendo-se valores de 0,876 para a subescala *Expressividade Familiar Positiva* e 0,841 para a subescala *Expressividade Familiar Negativa*. Ambos os valores encontrados se aproximam dos valores apresentados na

versão original, 0,92 e 0,85, respetivamente, o que reforça a elevada consistência interna do instrumento, garantindo a sua fiabilidade para fins de investigação (Pestana e Gageiro, 2005). Para terminar, estudou-se a fiabilidade de cada subescala, através do cálculo do *Alpha de Cronbach* para cada uma delas, análise das correlações entre o item e o valor total das subescalas, assim como o valor do *alpha*, caso esse item fosse retirado. Isto permitiu-nos perceber que os itens de ambas as subescalas apresentam valores de correlação altos com o total das respetivas subescalas, o que nos diz que em ambas as dimensões se verifica uma boa consistência interna, o que faz com que o instrumento possa ser aplicado na sua totalidade, recorrendo a ambas as subescalas, ou utilizando-se cada escala separadamente. Assim, podemos concluir que, de acordo com a avaliação das qualidades psicométricas do instrumento, este parece ser um instrumento confiável para o estudo da perceção da Expressividade Familiar, à semelhança do que acontece na versão original (Halberstadt, 1995), em adolescentes dos 13 aos 16 anos de idade, podendo o instrumento ser aplicado na sua totalidade, ou recorrer-se a cada subescala separadamente, de acordo com a investigação que se pretende realizar.

2. Relação entre a perceção da Expressividade Familiar e o desenvolvimento de Sintomas Emocionais

Estudos defendem que o ambiente emocional da família na qual a criança cresce e se desenvolve exerce forte influência na qualidade das estruturas emocionais e no modo como o indivíduo se relaciona com os outros ao longo da vida (Cummings, Cheung & Davies, 2013; Goodman, 2007; Halberstadt et al., 1995).

Percebemos que, embora estas relações não sejam totalmente lineares e que existam outros fatores que influenciam o modo como estes mecanismos se processam (fatores genéticos, temperamentais, culturais, etc), é consensual, de acordo com os estudos desenvolvidos nos últimos tempos, que a expressividade emocional da família pauta o desenvolvimento emocional do indivíduo em todo o seu processo de desenvolvimento (Dinis, Gouveia & Xavier, 2011; Eisenberg et al., 2000; Halberstadt, Fox & Jones, 1993). Como tivemos a oportunidade de ver, nas investigações evidenciadas anteriormente neste estudo, crianças expostas a modelos positivos de lidar com as adversidades desenvolvem competências emocionais mais ajustadas e entendem

e interpretam com maior facilidade a manifestação de emoções nos outros (Dinis, Gouveia & Xavier, 2011; Garner & Power, 1996; Halberstadt et al., 1999). Contrariamente, ambientes marcados por uma expressividade emocional negativa, quando exercida de forma sistemática, cria lacunas nas competências de regulação das emoções, que conseqüentemente pode levar ao desenvolvimento de sintomas emocionais (Ramsden & Hubbard, 2002), nomeadamente baixa autoestima, autoconceito, ansiedade e depressão.

De acordo com investigações recentes, descritas anteriormente, no enquadramento teórico, existem relações significativas entre níveis elevados de depressão nos cuidadores, expressividade emocional negativa e desenvolvimento de sintomas emocionais do tipo internalizantes (Goodman, 2007; Cummings, Cheung & Davies, 2013). Estudos defendem que cuidadores depressivos tendem a manifestar uma expressividade familiar marcada por emoções negativas que, por sua vez, criam na criança uma emocionalidade insegura, levando a que esta possa desenvolver sintomas emocionais do tipo internalizante (Goodman, 2007; Cummings, Cheung & Davies, 2013). Estas evidências teóricas vão ao encontro dos resultados obtidos na presente investigação, onde observamos que a percepção dos jovens face a uma expressividade familiar negativa apresenta relações positivas e significativas com o desenvolvimento de sintomas emocionais, isto é, quanto maior é a percepção do jovem face ao seu ambiente familiar, maior é a possibilidade de desenvolver sintomas emocionais, nomeadamente do tipo internalizantes, indo ao encontro daquilo que é defendido em investigações precedentes (Ramchandani et al., 2008; Cummings, 2000; Garber, 2006; Restifo & Bogels, 2009). Estes resultados verificam-se tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino, não tendo sido detetadas diferenças significativas em função do género, nem em função da idade (13-14 anos/ 15-16 anos).

Importa ainda mencionar que, na presente investigação, o sexo feminino reportou mais sintomas emocionais negativos comparativamente ao sexo masculino, o que também apresenta conformidades com estudos anteriores (Canino, 2004; Hutz & Silva, 2002; Sourander, Niemela, Santalahti, Helenius & Piha, 2008). No entanto, importa alertar para que a análise e as conclusões obtidas a partir destes resultados sejam cuidadas, uma vez que as raparigas poderão ser mais propensas a exteriorizar os sintomas emocionais, comparativamente aos rapazes.

3. Relação entre a percepção da Expressividade Familiar e o desenvolvimento de Problemas de Relacionamento com os Colegas

Através da análise dos resultados, realizada no capítulo anterior, pudemos verificar que, relativamente aos problemas de relacionamento com os colegas existe uma relação negativa e significativa entre a expressividade familiar positiva e o desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas, nas faixas etárias estudadas na presente amostra, sem diferenças significativas entre o sexo masculino e o feminino. Isto mostra-nos que quando o adolescente percebe um ambiente familiar pautado pela exibição de emoções positivas tende a apresentar menos problemas de relacionamento com os colegas, o que viabiliza um melhor ajustamento pessoal e social. Estas conclusões vão ao encontro dos estudos apresentados no enquadramento teórico, onde autores como Laible (2006) e Halberstadt e Eaton (2013) defendem que famílias afetivas e calorosas, que providenciem amor e suporte emocional às suas crianças e jovens, desenvolvem nestes expectativas positivas face às relações que estabelecem com os outros, bem como competências pessoais, sociais e relacionais, tais como: compreensão emocional, comportamento pró-social, autoestima e estratégias de *coping*. Todas estas competências fomentam um desenvolvimento pleno e adaptativo do indivíduo (Eisenberg & Spinrad, 2004).

Também é possível verificar, na análise estatística realizada, que existe uma ligação positiva entre a expressividade familiar negativa e o desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas. Contudo, comparativamente à expressividade familiar positiva, esta relação é menos consistente e significativa. Investigações citadas, anteriormente, suportam estas conclusões, revelando que ambientes caracterizados pela expressão de emoções negativas, como a hostilidade, a raiva e a tristeza, apresentam forte impacto no desenvolvimento socioemocional da criança, levando a défices na interpretação e processamento de informação, interferindo no desenvolvimento de competências sociais e emocionais adaptativas (Cummings, Iannotti & Zahn-Waxler, 1985; Denham, 1998; Dinis, Gouveia & Xavier, 2011; Jenkins, 2000;). Importa, ainda, salientar um resultado interessante desta investigação que se prende com o facto de que, não existe relação significativa entre a expressividade familiar negativa e o desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas no sexo feminino, contrariamente ao que é possível observar no sexo masculino. Isto

poderá querer dizer que, ao nível do desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas, a expressão de emoções negativas no seio da família tem mais impacto no sexo masculino comparativamente ao feminino. Assim, seria interessante perceber, em investigações futuras, se existe diferenças significativas entre ambos os sexos, nas estratégias de *coping* utilizadas perante ambientes caracterizados pela expressão de emoções negativas.

Conclusão

Com o presente estudo podemos concluir, em primeiro lugar, que o *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* mostrou ser um instrumento fiável na avaliação da percepção dos adolescentes relativamente à expressão da emoção no contexto familiar. O instrumento revelou ter uma boa consistência interna, garantindo a sua fiabilidade para investigações futuras.

Seguidamente, foi possível perceber, à semelhança de investigações anteriores, que o ambiente emocional no qual a criança cresce e se desenvolve, determina o modo como esta identifica, experiêcia, gere e estrutura as suas emoções, manifestando influências no desenvolvimento das suas competências emocionais, sociais e relacionais.

Na presente investigação, verificou-se que os jovens que percebem o seu ambiente familiar como sendo emocionalmente negativo, tendem a apresentar mais sintomas emocionais, verificando-se este facto tanto para o sexo feminino, como para o masculino.

Foi também possível concluir que, o modo como os jovens percebem o seu ambiente familiar influencia na maneira como se relaciona com os outros. Jovens com uma percepção positiva do seu contexto familiar tendem a manifestar menos problemas de relacionamento com os colegas, comparativamente com aqueles que percebem o ambiente familiar de forma negativa.

Foi interessante perceber que a expressão de emoções negativas não apresenta um impacto significativo no desenvolvimento de problemas de relacionamento com os colegas, no sexo feminino, contrariamente ao que acontece no sexo masculino. O que nos leva a concluir que os rapazes são mais suscetíveis a apresentar problemas de

relacionamento com os colegas quando estão expostos a uma expressividade emocional negativa, comparativamente às raparigas. Perante isto, seria interessante perceber, em investigações futuras, as diferenças que existem nas estratégias de *coping* e nos mecanismos de resiliência usados, por ambos os sexos, no contacto com ambientes familiares emocionalmente negativos.

Por outro lado, uma vez que se comprovou o impacto da expressividade emocional negativa no desenvolvimento de sintomas emocionais, seria importante perceber, para a psicologia do desenvolvimento, quais os tipos de emoções negativas (medo, raiva, hostilidade, desinteresse, ausência de afeto, etc.) que apresentam um impacto mais significativo no desenvolvimento de sintomas emocionais, especificamente do tipo internalizante (depressão, ansiedade, baixa autoestima, etc.). Seria também interessante estudar, separadamente, a influência da expressão de emoções negativas por parte da mãe e por parte do pai, no desenvolvimento de sintomas emocionais, procurando saber se existem ou não diferenças significativas (Ex. A expressão de emoções negativas, por parte da mãe, poderá apresentar um impacto mais significativo no desenvolvimento dos sintomas emocionais nos jovens, comparativamente ao pai).

Bibliografia

- Aber, J. L., Jones, S. M., & Cohen, J. (2000). The impact of poverty on the mental health and development of very young children. In C. H. Zeanah (Ed.), *Handbook of infant mental health* (pp. 113 – 128). New York: Guilford Press.
- Achenbach, T. & Howell, C. (1993). Are American children's problems getting worse? A 13-year comparison. *Journal of American Academy on Child and Adolescent Psychiatry, 32*, 1145-1154
- Ashmore, R. D., & Brodzinsky, D. M. (1986). *Think About the Family: Views of parents and childrens*. New York: Psychology Press.
- Baker, J., Fenning, R., Crnic, K. (2011) Emotion Socialization by Mothers and Fathers: Coherence among Behaviors and Associations with Parent Attitudes and Children's Social Competence. *Social Development, 20* (2), 412-430.
- Bariola, E., Gullone, E., & Hughes, E. K. (2011). Child and adolescent emotion regulation: The role of parental emotion regulation and expression. *Clinical Child and Family Psychology Review, 14*, 198-212.
- Bayle, F. & Martinet, S. (2008). *Perturbações da parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Becker, A., Hagenberg, N., Roessner, V., Woerner, W., & Rothenberger, A. (2004). Evaluation of the self-reported SDQ in a clinical setting: do selfreports tell us more than ratings by adult informants?. *European Child & Adolescent Psychiatry, 13*, 17-24.
- Belsky, J. & Pluess, M. (2009). Beyond Diathesis Stress: Differential Susceptibility to Environmental Influences. *Psychological Bulletin, 135* (6), 885–908

- Biederman J., Faraone S.V., Hirshfeld-Becker D.R., Friedman D., Robin J.A., Rosenbaum J.F. (2001) Patterns of Psychopathology and Dysfunction in High-Risk Children of Parents With Panic Disorder and Major Depression. *American Journal of Psychiatry*, 158, 49–57.
- Bridges, M., Fuller, B.C., Rumberger, R., & Tran, L. (2004). Preschool for California's children: Promising benefits, unequal access. PACE Policy Brief, 04-3, Berkeley, CA: *Policy Analysis for California Education (PACE)*.
- Bronstein, P., Duncan, P., Clauson, J., Abrams, C. L., Yannett, N., Ginsburg, G., & Milne, M. (1996). Enhancing middle school adjustment for children from lower-income families: A program for aware parenting
- Brooks-Gunn, J., Klebanov, P.K., Liaw, F., & Spiker, D. (1993) Enhancing the development of lowbirthweight, premature infants: changes in cognition and behavior over the first three years. *Child Development*, 64, 736-754
- Burrowes, B., Halberstadt, A. (1987). Self and Family Expressiveness styles in the experience and expression of anger. *Journal of Nonverbal Behavior*, 11, 254-268.
- Butler, A., Lee, L., & Gross, J. (2007). Emotion regulation and culture: Are the Social consequences of emotion suppression culture-specific? *Emotion*, 30-48.
- Calkins, D. (2004). Temperament and emotional regulation: Multiple models of early development. In M. Beauregard, *Consciousness emotional self-regulation and the brain*. Amsterdam, Netherlands: John Benjamins Publishing Company.
- Calkins, S., & Hill, A. (2007). Caregiver Influences on Emerging Emotion Regulation: Biological and Environmental Transactions in Early Development. In J. Gross

- (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 229 - 249). New York: Guildford Press.
- Campos, J. J., Frankel, C. B., & Camras, L. (2004). On the Natures of Emotion Regulation. *Child Development, 75*(2), 377-394.
- Campos, J. J., Mumme, D. L., Kermoian, R. K., & Campos, R. G. (1994). A functionalist perspective on the nature of emotion. In N. Fox (Ed.), *The development of emotion regulation: biological and behavioral considerations* (pp. 284-303). Monographs of the Society for Research on Child Development, 59 (Serial N° 240).
- Campos, J., Campos, G., & Barrett, C. (1989). Emergent themes in the study of emotional development and emotion regulation. *Developmental Psychology, 39*, 394-402.
- Campos, J., Mumme, L., Kermoian, R., & Campos, G. (1994). A functionalist perspective on the nature of emotion. *Monographs of the society for Research in Child Development, 284 -303*.
- Canino G. (2004) Are somatic symptoms and related distress more prevalent in Hispanic/Latino youth? Some methodological considerations. *J Clin Child Adolesc Psychol, 33*, 272-275
- Carson, J. L., Parke, R. D. (1996) Reciprocal negative affect in parent-child interactions and children's peer competency. *Child Development, 67*, 2217-2226.
- Cassidy, J., Parke, R. D., Butkovsky, L., Braungart, J. M. (1992). Family-peer connections: The roles of emotional expressiveness within the family and children's understanding of emotions. *Child Development, 63*, 603-618.

- Cicchetti, D., Ackerman, B., & Izard, C. (1995). Emotions and emotion regulation in developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 7, 1-10.
- Clark, L. A., Watson, D. (1991). Tripartite model of anxiety and depression: psychometric evidence and taxomic implications. *Journal Abnormal Psychology*, 100, 316-336.
- Cole, M., Michel, K., & Teti, D. (1994). The development of emotion regulation and dysregulation: A clinical perspective. *Monographs of the society for research in child development*, 73-100.
- Cole, P., Martin, S., & Dennis, T. (2004). Emotion regulation as a scientific construct: Methodological challenges and directions for child development research. *Child Development*, 75, 317-333.
- Collins, W.A., Maccoby, E.E., Steinberg, L., Heatherington, E.M., & Bronstein, M.H., (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55, 218-232.
- Cox, M. J., Paley, B., (1997). Families as systems. *Annual Review of Psychology*, 48, 243-267.
- Cummings, E.M., Cheung, R., Davies, P. (2013). Prospective Relations Between Parental Depression, Negative Expressiveness, Emotionality Insecurity, and Children's Internalizing Symptoms. *Child Psychiatry Hum Dev*, 44, 698-708.
- Cummings, E.M., Davies, P.T. (2010). *Marital conflict and children: an emotional security perspective*. The Guilford Press: New York.

- Cummings, E.M., Davies, P.T., Campbell, S.B. (2000). *Developmental psychopathology and family process: theory, research, and clinical implications*. Guilford Publications, Inc., New York.
- Cummings, E.M., Koss, K.J., & Davies, P.T. (2015). Prospective relations between family conflict and adolescent maladjustment: Security in the family system as an explanatory mechanism. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 43, 503-515.
- Cummings, E., Iannotti, R., Zahn-Waxler, C. (1985). Influence of conflict between adults on the emotions and aggression of young children. *Developmental Psychology*, 21, 495-507.
- Davies, P.T., Harold, G.T., Goeke-Morey, M., Cummings, E.M. (2002). Child emotional security and interparental conflict. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 7-8.
- Denham S.A, Bassett H.H., Wyatt T. (2007) The socialization of emotional competence. In: Grusec J, Hastings P (Ed.) *The handbook of socialization*. (pp. 614-637) New York: Guilford
- Denham, S. (1998). *Emotional development in young children*. New York: Guilford Press.
- Denham, S.A., Copeland, J.M., Strandberg, K., Auerbach, S., Blair, K. (1997). Parental Contributions to Preschoolers' Emotional Competence: Direct and Indirect Effects. *Motivation and Emotion*, 21, 65-86.
- Denham, S.A, Caverly, S., Schmidt M., Blair K. (2002) Preschool understanding of emotions: Contributions to classroom anger and aggression *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43 (7), 901–916

- Dinis, A., Gouveia, J.P., Xavier, A. (2011). Estudo das Características Psicométricas da Versão Portuguesa da Escala de Expressividade Emocional. *Psychologica*, 54, 111-138.
- Dix, T. (1991). The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive processes. *Psychological Bulletin*, 3-25.
- Downey, G., Coyne, J. C. (1990). Children of depressed parents: an integrative review. *Psychol Bull*, 108, 50-76.
- Duncombe, M., Havighurst, S., Holland, k., Frankling, E. (2012) The Contribution of Parenting Practices and Parent Emotion Factors Children at Risk for Disruptive Behavior Disorders. *Child Psychiatry Human Development*, 43, 715 - 733.
- Dunsmore, J.C., & Halberstadt, A.G. (1997). How does family emotional expressiveness affect children's schemas? In K. C. Barrett (Ed.), *The communication of emotion: Current research from diverse perspective* (pp. 45-68). San Francisco: Jossey-Bass.
- Eisenberg N., Fabes R.A., Carlo G, Troyer D, Speer A.L., Karbon M., Switzer G. (1992) The relations of maternal practices and characteristics to children's vicarious emotional responsiveness. *Child Development*, 63, 583-602.
- Eisenberg N, Fabes R.A., Shepard S.A., Guthrie I.K., Murphy B.C., Reiser M. (1999) Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning. *Child Development*, 70, 513-534.
- Eisenberg N., & Morris A.S. (2002) Children's emotion-related regulation. In Kail RV (Ed.) *Advances in child development and behavior*, 30, (pp. 189-229) Academic Press: San Diego.

Eisenberg N., Sadovsky A., Spinrad T.L., Fabes R.A., Losoya S.H., Valiente C. (2005) The relations of problem behavior status to children's negative emotionality, effortful control, and impulsivity: Concurrent relations and prediction of change. *Developmental Psychology*, 41, 193–211.

Eisenberg N., Smith C.L., Sadovsky A., Spinrad T.L. (2004) Effortful control: Relations with emotion regulation, adjustment, and socialization in childhood. In: Baumeister RF, (Ed.) *Handbook of self-regulation: Research, theory, and applications*. Guilford Press; New York: 259–282.

Eisenberg, N., & Moore, B. S. (1997). Emotional regulation and development. *Motivation and Emotion*, 21(1), 1-6.

Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, 241-273.

Eisenberg, N., Cumberland, A., Spinrad, T., Fabes, R., Shepard, S., Reiser, M., Murphy, B., Losoya, S., Guthrie, I. (2001). The Relations of Regulation and Emotionality to Children's Externalizing and Internalizing Problems Behaviors. *Child Development*, 4, 1112-1134.

Eisenberg, N., Fabes, R.A. (1994). Mothers' reactions to children's negative emotions: Relations to children's temperament and anger behavior. *Merril-Palmer Quarterly*, 40,138 -156.

Eisenberg, N., Fabes, R.A., Murphy, B.C. (1996). Parents' reactions to children's negative emotions: Relations to children's social competence and comforting behavior. *Child Development*, 67, 2227-2247.

- Eisenberg, N., Hofer, C., & Vaughan, J. (2007). Effortful control and its socioemotional consequences. In J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 287-306). New York: Guildford Press.
- Evans E., Hawton K., Rodham K. (2005). In what way are adolescents who engage in self harm an experience thoughts of self harm different in terms of help - seeking, communication and coping strategies? *Journal of Adolescence*, 28, 573-587.
- Ford, B., & Mauss, I. (2015) Culture and Emotion Regulation. *Current Opinion in Psychology*, 3, 1-5.
- Ford, B., & Mauss, I. (2015) Culture and Emotion Regulation. *Current Opinion in Psychology*, 3, 1-5.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lisboa: Lusodidacta.
- Fox, A. (1994). Dynamic cerebral processes underlying emotion regulation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 152-166.
- Fox, A., & Calkins, D. (2003). The development of self-control of emotion: Intrinsic and extrinsic influences. *Motivation and Emotion*, 27, pp. 7-26.
- Gao, M. & Han, Z.R. (2016) Family Expressiveness Mediates the Relation Between Cumulative Family Risks and Children's Emotion Regulation in a Chinese Sample. *Journal of Child and Family Studies*, 25(5), 1570-1580.
- Garber, J. (2006). Depression in children and adolescents: linking risk research and prevention. *American Journal of Preventive Medicine*, 31, 104-125.

- Garner, P. W. (1995). Toddlers's emotion regulation behaviors: The roles of social context and family expressiveness. *Journal of Genetic Psychology, 156*, 417-430.
- Garner, P.W., Power, T.G. (1996). Preschoolers' emotional control in the disappointment paradigm and its relation to temperament, emotional knowledge, and family expressiveness. *Child Development, 67*, 1406-1419.
- Gershoff, E.T., Aber, J.L., & Raver, C.C. (2003) Child poverty in the US.: An evidence-based conceptual framework for programs and policies. In R. M. Lenner, F. Jacobs & D. Wertleib (Ed.) *Handbook of Applied Developmental Science: Promoting Positive Child, Adolescent and Family Development through research, policies and programs, 2*, (pp. 81-136), Thousand Oaks, CA: Sage
- Giddens, A. (2010). Sociologia. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gilligan, C. (1982). In a different voice. Cambridge, MA: Harvard University Press
- Gilliom M., Shaw D.S., Beck J.E., Schonberg M.A., Lukon J.L. (2002) Anger regulation in disadvantaged preschool boys: Strategies, antecedents, and the development of self-control. *Developmental Psychology, 38*, 222–235.
- Goldsmith, H.H., Lewery, K.S. (2000) Linking temperamental fearfulness and anxiety symptoms: A behavior-genetic perspective. *Biological Psychiatry, 48 (12)*, 1199-1209.
- Goldsmith, H., Buss, A., & Lemery, S. (1997). Toddler and childhood temperament: Expanded content, stronger genetic evidence, new evidence for the importance of environment. *Developmental Psychology*, pp. 89 -905.
- Goodman R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *J Child Psychol Psychiatry, 38*, 581-586.

- Goodman, S.H. (2007). Depression in mothers. *Annual Review of Clinical Psychology*, 3, 107-135
- Goodman, S., Brogan, D., Lynch, M., Fielding, B. (1993). Social and emotional competence in children of depressed mother. *Child Development*, 64, 516-531.
- Gottman, M., Katz, F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology*, 243-268.
- Gottman, M., Katz, F., & Hooven, C. (1997). Meta-emotion: How families communicate emotionally. Mahwah: NJ: Lawrence Erlbaum.
- Greenberg, T., Lengua, J., Coie, D., Pinderhughes, E., Bierman, K., Dodge, A., (1999). Predicting developmental outcomes at school entry using a multiple-risk model: Four American communities. *Developmental Psychology*, 403-417.
- Gross, J. (1998). Antecedent and response-focused emotion regulation: Divergent consequences for experience, expression and physiology. *Journal of Personality and Social Psychology*, 224-237.
- Gross, J. (2007). *Handbook of emotion regulation*. New York: Guilford Press.
- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). Vinculação: Conceitos e aplicações. Lisboa: Climepsi Editores.
- Halberstadt A.G., Crisp V.W., Eaton K.L. (1999). Family expressiveness: a retrospective and new directions for research. In Philippot P., Feldman R. S., Coats E. J. (Ed.) *The Social Context of Nonverbal Behavior* (pp.109-155). New York: Cambridge University Press.

Halberstadt A.G., Denham S.A., Dunsmore J.C. (2001) Affective social competence. *Social Development*, 10, 79–119.

Halberstadt, A.G. (1986). Family socialization of emotional expression and nonverbal communication styles and skills. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 827-836.

Halberstadt, A.G. (1991). Socialization of expressiveness: Family influences in particular and a model in general. In R. S. Feldman & B. Rimé (Ed.). *Fundamentals in nonverbal behaviors* (pp. 106-160). New York: Cambridge University Press.

Halberstadt, A. G. (1999). Family Expressiveness: A retrospective and new directions for research. In P. Philippot & R.S. Feldman (Ed.) *The social context of nonverbal behavior: studies in emotion and social interaction* (pp.109-155). New York: Cambridge University Press.

Halberstadt, A.G., & Eaton, K.L. (2002). A meta-analysis of family emotional expressiveness and children's emotion expressiveness and understanding. *Marriage & Family Review*, 34, 35–62.

Halberstadt, A. G., Eaton, K. L. (2013). A meta-analysis of family expressiveness and children's emotion expressiveness and understanding. *Marriage & Family Review*, 34, pp. 35-62.

Halberstadt, A., Fox, N., & Jones, N. (1993). Do expressive mothers have expressive children? The role of socialization in children's affect expression. *Social Development*, 2, 48-65.

- Halberstadt, G., Cassidy, J., Stifter, A., Parke, D., & Fox, A. (1995). Self-expressiveness within the family context: Psychometric support for a new measure. *Psychological Assessment*, 93-103.
- Hardy, D., Power, T., Jaedicke, S. (1993). Examining the relation of parenting to children's coping with everyday stress. *Child Development*, 64, 1829-1841.
- Higgins, E. (1987). Self-discrepancy: A theory relating to self and affect. *Psychological Review*, 94, pp. 319-340.
- Hutz, C.S. & Silva, D.F. (2002). Avaliação psicológica de crianças em situação de risco. *Avaliação Psicológica*, 1, 73-79.
- Izard C. E. (2002) Translating emotion theory and research into preventive interventions. *Psychological Bulletin*, 128, 796–824.
- Jenkins, J. (2000). Marital Conflict and Children's Emotion: The development of an anger organization. *Journal of Marriage and Family*, 62, 723-736.
- Jones, S., Eisenberg, N., Fabes, R.A., MacKinnon, D. (2002). Parents' reactions to elementary school children's negative emotions: Relation to social and emotional functioning at school. *Merril-Palmer Quarterly*, 48, 133-159.
- Kidwell. S., Young, M., Hinkle, L., Ratliff, A., Marcum, M. (2010). Emotional Competence and Behavior Problem: Differences across Preschool Assessment of Attachment Classifications. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 391-406.
- Lahey, B.B. (2004). *Psychology. An Introduction (8th Ed.)*. Usa: Mcgraw-Hill.

- Laible, D. (2006). Maternal Emotional Expressiveness and Attachment Security: Links to Representation of Relationships and Social Behavior. *Merrill - Palmer Quarterly*, 4, 645-670.
- Laible, D., Carlo, G., Torquati, J., & Ontai, L. (2004). Children's representations of relationships as assessed in a doll story completion task: Links to parenting, social competence, and externalizing behavior. *Social Development*, 13, 551-569.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 5-28.
- Machado, T.S., Fonseca, A.C., & Queiroz, E. (2008). Vinculação aos pais e problemas de internalização em adolescentes – dados de um estudo longitudinal. *INFAD Revista de Psicologia*, 1, 321-332.
- Machado, T. S., Fonseca, A.C., (2011). Vinculação aos pais, ambiente familiar e percepção de competência e bem-estar em adolescentes portugueses. *Actas do II International Congress – Interfaces of Psychology: Quality of Life... Living with quality*. Universidade de Évora, 14-15
- Maroco, J., & Bispo, R. (2003). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Marzocchi, G.M., Capron, C., Pietro, M., Tauleria, E.D., Duyme, M., Frigerio, A., Gaspar, M.F., Hamilton, H., Pithon, G., Simões, A., Théron, C. (2004). The use of the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) in Southern European Countries. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 40-46.
- Mennin, D., & Farach, F. (2007). Emotion and Evolving Treatments for Adult Psychopathology. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 14, 329-352.

- Morris, S., Silk, S., Steinberg, L., Myers, S., & Robinson, L. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 361-388.
- Parker, A.E., Halberstadt, A.G., Dunsmore, J.C., Townley, G., Bryant, Jr, A., Thompson, J.A., & Beale, K.S. (2012). " Emotions are a window into one's heart": A qualitative analysis of parental beliefs about children's emotion across three ethnic groups. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 77, serial no.304, doi: 10.1111/j.1540-5834.2012.00676.x
- Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2005). *Análise de Dados para Ciências Sociais (4ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ramchandani, P.G., O'Connor, T.G., Evans, J., Heron, J., Murray, L., Stein, A. (2008). The effects of pre and postnatal depression in fathers: a natural experiment comparing the effects of exposure to depression on offspring. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49, 1069-1078.
- Ramsden, S.R., Hubbard, J.A. (2002). Family expressiveness and parental emotion coaching: Their role in children's emotion regulation and aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30, 657-667.
- Research, N.E. (2006). Infant mother attachment classification: Risk and protection in relation to changing maternal caregiving quality. *Developmental Psychology*, 38-58.
- Restifo, K., Bogels, S. (2009). Family processes in the development of youth depression: translating the evidence to treatment. *Clinical Psychology Review*, 29, 294-316.
- Rothbart, M.K., & Bates, J.E. (2006). Temperament. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Ed.), *Temperament handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional, and personality development*, 6, (pp. 99– 166). Hoboken, NJ: Wiley & Sons Inc.

- Rothbart, M.K., Ahadi, S.A., Hershey, K.L., & Fisher, P. (2001) Investigations of temperament at three to seven years: the children's behaviors questionnaire. *Child Development, 72*, 1394 - 1408
- Rothenberger, A., Becker, A., Erhart, M., Wille, N., & Ravens-Sieberer, U. (2008). Psychometric properties of the parent strengths and difficulties questionnaire in the general population of German children and adolescents: results of the BELLA study. *European Child & Adolescent Psychiatry, 17*, 99-105.
- Roy, B.V., Veenstra, M., Clench-Aas, J. (2008) Construct validity of the five-factor Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) in pre-, early, and late adolescence.. *Child Psychology and Psychiatry, 49*, 1304-1312.
- Saarni, C. (1999). The development of emotional competence. New York: Guilford Press.
- Saarni, C. , Mumme, D. , & Campos, J. (1998). Emotional development: Action, communication, and understanding. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional and personality development, 5*, (pp. 237-309). New York: Wiley
- Shapiro, B., & Steinberg, L. (2013). Emotional reactivity and exposure to household stress in childhood predict psychological problems in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 42*, 1573-1582.
- Sigel, I. E., (1985). *Parental belief system: The psychological consequences for children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Solomon, J., & George, C. (1999). The place of disorganization in attachment theory: linking classic observation with contemporary findings, In J. Solomon e C. George (Ed), *Attachment disorganization*. Nova Iorque: The Guildford Press.
- Sourander, A., Niemela, S., Soutalahti, P., Helenius, H. & Phia, J. (2008) Changes in psychiatric problems and service use among 8-year old children: a 16-year population-based time-trend study. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 47* (3), 317-327

- Sprinthall, N. A., Collins, W. A. (1994). *Psicologia do Desenvolvimento - Uma abordagem desenvolvimentista*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stephan, G., Stephan, W., & Devargas, C. (1996). Emotional expression in Costa Rica and the United States. *Journal of Cross - cultural Psychology*, 147-160.
- Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development*, 16(2), 310-325.
- Suveg, C., & Zeman, J. (2004). Emotion regulation in children with anxiety disorders. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 33, 750-759.
- Thompson, A. (1994). Emotion Regulation: A theme in research of definition. In N. Fox (Ed.), *The development of emotion regulation and dysregulation: Biological and Behavioral aspects* (pp. 25-52). Monographs of the society of research in Child Development .
- Thompson, R. A. (2008). Early attachment and later development: Familiar questions, new answers. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Ed.), *Handbook of attachment* ,2, (pp. 348-365). New York: Guilford.
- Thompson, A., & Meyer, S. (2007). Socializations of emotion regulation in family. In J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 249-268). New York: Guilford Press.
- Wong, M.S., McElwain, N.L., Halberstadt, A.G., (2009). Parent, family, and child characteristics: associations with mother and father reported emotion socialization practices. *Journal of Family Psychology*, 23, 452-463.
- Wu, C., & Chao, R. K. (2005). Intergenerational cultural conflicts in norms of parental warmth among Chinese American immigrants. *International Journal of Behavioral Development*, 29, 516-523.
- Yap, M.B., Whittle, S., Yucel, M., Sheeber, L., Pantelis, C., Simmons, J.G., Allen, N.B. (2008). Interaction of parenting experiences and brain structure in the prediction

of depressive symptoms in adolescents. *Arch. Gen. Psychiatry*, 65 (12), 1377–1385

Yeh, H., Cheng, P., & Yang, J. (2005). The influence of maternal meta-emotion philosophy on children's attachment inclination. *Chinese Journal of Psychology*, 181-195.

ANEXOS

Anexo I

Declaração de Autorização aos pais para aplicação dos questionários

Declaração de Autorização

Assunto: Pedido de autorização para aplicação de questionários

Ex.mº Sr.

Encarregado de Educação,

O meu nome é Carina Fora e estou a desenvolver tese de mestrado em Psicologia do Desenvolvimento na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Venho por este meio pedir a V. Exa. que autorize a aplicação de dois questionários, um sobre Expressividade Familiar e outro sobre Capacidades e Dificuldades, a serem preenchidos pelo seu educando.

O questionário respeitante à Expressividade Familiar pretende que o seu educando avalie com que frequência são exibidas determinadas emoções no seio familiar. Já o questionário de Capacidades e Dificuldades, pretende avaliar os tipos de comportamentos que são mais frequentemente manifestados pelo seu educando.

É importante salientar que ambos os questionários são anónimos e os dados recolhidos serão utilizados meramente com fins estatísticos, não lhes sendo portanto solicitada, em parte alguma dos questionários, a indicação de nomes. Todas as respostas são estritamente confidenciais, pelo que ninguém terá acesso a elas, à exceção dos investigadores responsáveis.

Comprometemo-nos desde já, a aplicar os questionários apenas depois de ter sido dada a devida autorização. Caso entenda, prestamos os esclarecimentos que forem necessários, esperamos a sua melhor disponibilidade sobre o assunto, com a brevidade que lhe for possível.

Com os melhores cumprimentos,

Carina Alexandra Martins Pina Fora

(Por favor, preencher e devolver)

Sim, autorizo o meu educando

_____ a participar
nesta investigação.

Assinatura do encarregado de Educação
2014

Leiria, _____ de _____ de

Anexo II

Declaração de consentimento passada aos Agrupamentos de Escolas

DECLARAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO

Ex.mo Senhor Diretor do Agrupamento de Escolas _____,

Eu, Carina Alexandra Martins Pina Fora, a realizar a dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Teresa Sousa Machado, venho solicitar, a Vossa Excelência, que seja concedida autorização para realizar, neste estabelecimento de ensino, a aplicação de questionários a alunos com idades entre os treze e os quinze anos de idade.

A investigação em curso tem como objetivo o estudo da expressividade familiar e o desenvolvimento de comportamentos de tipo internalizante em jovens adolescentes. Para tal pretendemos aplicar um questionário sócio-demográfico que reúna informações dos alunos, essenciais ao desenvolvimento da investigação (idade, género, ano de escolaridade); uma escala que avalie a Expressividade Familiar [SEFQ - *Self-Expressiveness Family Questionnaire*] e outra que avalie as Capacidades e Dificuldades (SDQ - *Strengths and Difficulties Questionnaire*)

Após o consentimento informado dos respetivos encarregados de educação, propõe-se a realização de uma única sessão, com a duração de cerca de trinta minutos em três turmas, nomeadamente uma de oitavo, uma de nono e outra de décimo ano, para a explicação e aplicação dos instrumentos referidos. Os dados dessa recolha serão processados apenas em termos estatísticos, garantindo o anonimato (nunca é pedido o nome) dos intervenientes e a confidencialidade da informação.

Proponho-me ainda a apresentar, no final da investigação, os resultados do meu estudo numa palestra que poder-se-á realizar na vossa escola.

Estarei ao inteiro dispor para eventuais esclarecimentos que seja necessário dar relativamente às informações aqui dispostas².

Agradeço desde já a atenção dispensada e a sua colaboração!

Carina Fora

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, Diretor do _____, abaixo assino e declaro que compreendi a explicação que me foi fornecida relativamente ao estudo em questão, tomei conhecimento dos objetivos e do método previsto, autorizando que a mestrande Carina Fora recolha, nesta escola, a sua amostra para a investigação.

(O Diretor do Agrupamento)

² carinapfora@gmail.com ; Telemóvel: 911711811

Anexo III

**SDQ - *Strengths and Difficulties Questionnaire* (Robert Goodman, 1997) -
Traduzido e Adaptado para língua portuguesa por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e
Gaspar (2005)**

**Subescalas utilizadas: Sintomas Emocionais e Problemas de Relacionamento com
os colegas**

SDQ

Robert Goodman, 2005

Instruções: Encontra a seguir 10 frases. Para cada uma delas marca, com uma cruz, um dos seguintes quadrados: Não é verdade, é um pouco verdade; É muito verdade. Ajuda-nos muito se responderes a todas as afirmações o melhor que puderes, mesmo que não tenhas a certeza absoluta ou que a afirmação te pareça estranha. Por favor, responde baseando-te na forma como as coisas te têm corrido nos últimos seis meses.

Idade: _____

Sexo: Masculino

Feminino

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
1. Tenho muitas dores de cabeça, de barriga ou vômitos.			
2. Estou quase sempre sozinho/a, jogo sozinho/a. Sou reservado/a.			
3. Preocupo-me muito.			
4. Tenho pelo menos um bom amigo/uma boa amiga.			
5. Ando muitas vezes triste, desanimado/a ou a chorar.			
6. Os meus colegas geralmente gostam de mim.			
7. Fico nervoso/a em situações novas. Facilmente fico inseguro/a.			
8. As outras crianças ou jovens metem-se comigo, ameaçam-me ou intimidam-me.			
9. Dou-me melhor com adultos do que com os da minha idade.			
10. Tenho muitos medos, assusto-me facilmente.			

Obrigada pela tua colaboração!

Anexo IV

Versão portuguesa do *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ) -

Versão Reduzida (Halberstadt, A. 1995)

(Tradução e adaptação Fora, C. & Machado, T. S., 2013)

SEFQ
(Halberstadt, A. 1995)
(Tradução e adaptação Fora, C. & Machado, T. S., 2013)

Instruções de Preenchimento:

O presente questionário tem como objetivo saber mais acerca do grau de expressividade presente em diferentes famílias. Como tal gostaríamos que pensasses e nos informasses acerca da frequência com que são expressadas estas emoções na tua família.

Alguns itens poderão ser difíceis de avaliar, contudo é fundamental que respondas a todos os itens de uma forma fiel e honesta. É ainda importante referir que, neste questionário, não existem respostas certas ou erradas pelo que te pedimos, mais uma vez, que sejas sincero nas tuas respostas.

Para responderes a este questionário tens de utilizar a seguinte escala: **1 a 3** (“Nada frequente na minha família”), **4 a 6** (frequência moderada), **7 a 9** (“Muito frequente na minha família”), de modo a indicar a frequência com que estes episódios ocorrem.

Dados Pessoais:

- 1. Idade:** _____ **2. Sexo:** Masculino Feminino
- 2. Com quem vives?**
- Pai e Mãe Só Pai
- Só Mãe Outros _____ (Ex: Avôs, Madrinha, Tios, etc.)
- 3. Que profissões têm as pessoas com quem vives?**
-

3. Quais são as habilitações académicas das pessoas com quem vives:

- 1ºCiclo (até ao 4º ano de escolaridade)
- 2ºCiclo (até ao 6º ano de escolaridade)
- 3ºCiclo (até ao 9º ano de escolaridade)
- Ensino Secundário (até ao 12º ano de escolaridade)
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

A influência da expressividade familiar, percebida por adolescentes, no desenvolvimento de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas

**Nada
frequent
e na
minha
família**

**Muito
frequent
e na
minha
família**

1 2 3 4 5 6 7 8 9

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Mostrar desprezo pelas ações dos outros.									
2. Mostrar insatisfação pelo comportamento de outra pessoa.									
3. Elogiar alguém por ter feito um bom trabalho.									
4. Ficar zangado com a falta de cuidado de outra pessoa.									
5. Amuar com os tratamentos injustos por parte alguém da família.									
6. Culparem-se uns aos outros quando existem problemas familiares.									
7. Desvalorizar os interesses de outros.									
8. Mostrar que não se gosta de alguém.									
9. Ficar desfeito/a quando a tensão familiar aumenta.									
10. Expressar excitação com os nossos planos futuros.									
11. Mostrar admiração.									
12. Mostrar desapontamento quando algo não corre bem.									
13. Dizer a alguém como está bonito/a.									
14. Expressar simpatia pelos problemas dos outros.									
15. Mostrar grande afeto ou amor por alguém.									
16. Brigar com alguém da família.									
17. Abraçar um familiar de forma espontânea.									
18. Irritar-se facilmente com situações que não são assim tão importantes.									
19. Aninhar-se (confortar-se) com alguém da família.									
20. Tentar animar alguém que está triste.									

A influência da expressividade familiar, percebida por adolescentes, no desenvolvimento de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas

21. Partilhar felicidade com a família.									
22. Ameaçar alguém.									
23. Agradecer por um favor que nos fizeram.									
24. Surpreender alguém com um pequeno presente ou favor.									

Obrigada pela tua colaboração!